

OXIGÊNIO

JULHO 2024



NÚMERO 59



WORLD PRESS PHOTO 2024
EM EXPOSIÇÃO NO BRASIL

EDITORIAL

UM SHOW DE IMAGENS

A partir do dia 3 de julho, o público brasileiro terá a oportunidade de admirar as melhores e mais impactantes imagens do fotojornalismo e jornalismo documental do mundo, a exemplo da exibida na capa dessa edição – *Uma Mulher Palestina Abraça o Corpo de Sua Sobrinha*, do palestino Mohammed Salem, da Agência Reuters, premiada como a *Foto do Ano*.

Reunidas na exposição itinerante *World Press Photo 2024*, que volta a ser exibida no país após uma ausência de seis anos, a mostra apresenta as 129 fotografias vencedoras do 67º concurso anual da instituição, considerada a maior organização mundial de fotojornalismo do planeta.

Pela primeira vez na história, o Brasil tem quatro vencedores: Lalo de Almeida, com *Seca na Amazônia* – que captura a gravidade da crise ambiental global, com a impressionante imagem do “deserto” que se formou no leito do rio da maior floresta do mundo; Gabriela Biló, com *Inssureição* – que lança luz sobre os acontecimentos de 8 de janeiro de 2023, em Brasília; e a dupla Felipe Dana e Renata Brito, com *À Deriva* – ensaio fotográfico que “conta a história” de um barco da Mauritània, cheio de homens mortos.

A mostra será exibida no Rio de Janeiro de 3 de julho a 25 de agosto, e em São Paulo a partir de 15 de setembro, nos espaços da Caixa Cultural em ambas as cidades.

Boa leitura!

Capa: Mohammed Salem, *Uma Mulher Palestina Abraça o Corpo de Sua Sobrinha* – Foto do Ano

ÍNDICE

04

OXIGENE: *“República Lee – Um Musical ao Som de Rita”* estreia dia 12 de julho, em São Paulo | Musical infantil *Operilda cai no Choro* estreia no CCBB SP contando a história do surgimento do chorinho brasileiro | *O Sonho de um Homem Ridículo*, da Cia Lúdica dos Atores, faz estreia paulista no Espaço Parlapatões | *Carlota – Focus Dança Piazzolla*

12

MATÉRIA DE CAPA: Após seis anos, *World Press Photo* volta ao país com premiação inédita de quatro brasileiros

19

Lélia em Nós: Festas Populares e Amefricanidade

25

“Alberto Pitta – Outros Carnavais” na Galeria Nara Roesler Rio de Janeiro

29

35 anos CCBB Rio de Janeiro: *“Primeiro de Março 66 – Arquitetura de Memórias”*

34

Duda Moraes – *Entre force et fragilité e a continuação do gesto*, na Anita Schwartz Galeria de Arte, RJ

38

J. Borges – O Sol do Sertão

42

Duas novas exposições no MASP
Catherine Opie: O Gênero do Retrato e *Lia D Castro: Em Todo e Nenhum Lugar*

49

Monumental – Angelo Venosa, Beatriz Milhazes, Jorge Guinle, Leda Catunda e Luiz Zerbini

54

Os Artivistas: Carlos Scliar e Cildo Meireles

59

“A Verdade sobre a Nostalgia”, de Renato Gosling

63

DIRETO DE LONDRES: *Summer Exhibition* – Uma marca democrática e excêntrica do início do verão tradicional londrino



Foto: de Gabé

“República Lee – Um Musical ao Som de Rita” estreia dia 12 de julho, em São Paulo

Com texto e direção de Tauã Delmiro, o espetáculo da In Cena Produções une teatro e cinema, construindo um filme na presença do público, com cenas pré-gravadas e outras filmadas ao vivo

Em homenagem à cantora e compositora Rita Lee, a In Cena Produções leva aos palcos *“República Lee – Um Musical ao Som de Rita”*, em curta temporada, de 12 de julho a 4 de agosto, no Teatro Viradalata, em São Paulo. O espetáculo não-biográfico faz um tributo ao legado da rainha do rock brasileiro. Marcado pela liberdade e irreverência, texto e direção têm a assinatura

de Tauã Delmiro; na equipe criativa, Cella Bártholo (idealização), Hugo Kerth (direção musical e arranjos) e Débora Polistchuck (coreografias e assistência de direção).

“República Lee – Um Musical ao Som de Rita” acompanha a história de cinco jovens, moradores de uma república na cidade de São Paulo, entre os anos de

1968 e 1969. O grupo trabalha na produção de um curta-metragem de ficção científica, com baixo orçamento. A trama dentro da trama é baseada em longas-metragens de sci-fi dos anos 1950, como *“O dia em que a Terra Parou”*, *“A invasão dos discos voadores”* e *“O Ataque da Mulher de 15 Metros”*. No elenco estão Cella Bártholo (Jullie), Caio Nery (Caio), Rodrigo Salvadorette (Danilo), Ingrid Klug (Sarah), Pedro Balu (Darín) e João Ferreira e Luiza Cesar (swings).

A dramaturgia do musical é embalada por canções clássicas do repertório de Rita Lee, como *“Agora só falta você”*, *“Nem luxo, nem lixo”*, *“Alô, alô, Marciano”*, *“Desculpe o auê”* e *“Mutante”*. *“A maior inspiração do enredo foram as canções da Rita e, a partir delas, buscamos absorver o caráter disruptivo presente nas letras e melodias. Embora o espetáculo não seja uma biografia da vida da artista, os cinco personagens são desdobramentos da personalidade transgressora dela”*, explica o autor e diretor Tauã Delmiro.

A comédia musical sintetiza a eferescente cena cultural paulista do final da década de 1960, que assistiu florescer o trabalho de artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Os Mutantes. *“Um caldeirão de experimentos artísticos que possibilitou o nascimento da Tropicália e a construção da identidade do rock nacional, ritmo que fez de Rita Lee sua principal representante”*, ressalta Cella Bártholo, que idealizou o espetáculo e é diretora artística da In Cena Produções.

O musical proporciona uma experiência multilíngua, unindo teatro e cinema: com interação de cenas teatrais, takes pré-gravados e outros filmados ao vivo, um filme é construído na presença do público. A partir do universo lúdico e disruptivo da lírica de Rita, a narrativa aborda a rebeldia de uma juventude que rompeu paradigmas e quer ser fonte de inspiração para os espectadores.

“Em sua autobiografia, Rita revela sua enorme paixão pelo cinema. Esse fato me inspirou a escrever uma dramaturgia que dialogasse com o teatro e audiovisual. Levei essa ideia para Cella e ficamos confiantes de que conseguiríamos desenvolver uma obra instigante e inovadora”, adianta Tauã.

Com o objetivo de fomentar o musical brasileiro, a In Cena pretende investir em projetos inéditos e nacionais. *“A gente sabe que tem muitos artistas talentosos aqui nas áreas de dramaturgia, composição, dança, e queremos fomentar esse mercado. Além disso, homenagear também grandes nomes brasileiros, como a Rita Lee”*, completa Cella.

SERVIÇO

“República Lee – Um Musical ao Som de Rita”

Temporada: 12 de julho a 4 de agosto

Teatro Viradalata

Rua Apinajés, 1387, Perdizes, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3868-2535

Dias/Horários: sextas e sábados, às 20h; domingos, às 19h

Ingressos: Plateia e plateia superior: R\$ 120 (inteira) e R\$ 60 (meia-entrada); Plateia lateral superior: R\$ 42 (inteira) e R\$ 21 (meia-entrada)

Duração: 2h | Classificação etária: 14 anos

Capacidade de público: 240 pessoas

Venda de ingressos:

<https://bileto.sympla.com.br/event/94325/d/257584>





Foto: João Caldas Filho

Musical infantil
OPERILDA
CAI NO CHORO
estreia no
CCBB SP
contando a
história
do surgimento
do chorinho
brasileiro

Depois do sucesso de público e crítica da montagem *Operilda na Orquestra Amazônica* – Prêmio APCA de Melhor Musical Infantil e Prêmio FEMSA na Categoria Especial – a feiticeira Operilda entra em cena novamente, agora para contar a história da origem do chorinho. *Operilda Cai no Choro* tem direção geral de Regina Galdino e direção musical assinada por Chico Macedo.

Operilda (Andréa Bassitt) é uma jovem feiticeira de 225 anos. Apaixonada por música brasileira, ela precisa deixar o celular de lado e usar somente sua memória e imaginação para falar sobre o surgimento do choro, estilo musical que nasceu no Rio de Janeiro, no final do século XIX. Com muito humor e criatividade, Operilda, sua amiga Vassorilda e o grupo musical Chorildos pas-

sejam pelo Brasil colonial até chegar aos dias atuais, traçando um paralelo entre o desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro e a invenção do chorinho.

Nascido da mistura de ritmos europeus e africanos, o choro foi criado e popularizado por músicos geniais, personagens que entram nessa história junto com Operilda. São eles: Joaquim Callado, Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazareth, Anacleto de Medeiros, Abel Ferreira, Pixinguinha, Zequinha de Abreu, Jacob do Bandolim e tantos chorões que tornaram esse estilo um Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

De maneira lúdica e divertida a história do chorinho é contada, cantada e tocada ao vivo. Chico Macedo (sax, flauta e clarineta), Deni Domenico (cavaquinho e bandolim), Helô Ferreira (violão de 7 cordas) e Nelson Essi (percussão), os Chorildos, são os músicos que acompanham e interagem com Operilda nessa aventura pelo ritmo brasileiro. O cenário e o figurino, assinados por Fabio Namatame, trazem referências do enredo com resoluções lúdicas e encantatórias.

Ao longo do espetáculo, Operilda mostra peculiaridades, particularidades e curiosidades que passam pelo bandolim trazido pelos portugueses, pelos salões de baile com as polcas, pelos quintais com o lundu e as percussões africanas, e pelo ritmo acelerado do maxixe até chegar ao chorinho e seus chorões. No repertório, músicas como *“Tico-Tico no Fubá”* (Zequinha de Abreu), *“Flor Amorosa”* (Joaquim Callado), *“Corta Jaca”* (Chiquinha Gonzaga), *“Brejeiro”* (Ernesto Nazareth) e *“Carinhoso”* (Pixinguinha e Braguinha), entre outras.

Passagens como a chegada da Família Real no Brasil e a história de *“Brasileirinho”*, composto quando o sobrinho de Waldir Azevedo lhe pediu para tocar uma música, mas no cavaquinho tinha uma corda só, prometem divertir e encantar a plateia. E assim, a bruxinha

engraçada Operilda vai conquistando a simpatia das crianças e dos adultos, levando todo mundo a cair no choro.

Ao receber esse espetáculo, o Centro Cultural Banco do Brasil reafirma seu compromisso de ampliar a conexão dos brasileiros com a cultura, formando plateias, aproximando as crianças das artes e valorizando a produção teatral nacional.



Foto: João Caldas Filho

SERVIÇO

Operilda Cai no Choro

Até 28 de julho

Centro Cultural Banco do Brasil São Paulo – Teatro
Rua Álvares Penteado, 112, Centro Histórico, São Paulo / SP
Acesso ao calçadão pela estação São Bento do Metrô
Informações: (11) 4297-0600

Dias/Horários: sextas, sábados e domingos, às 11h

Sessões extras aos sábados, às 16h30

Ingressos: Gratuitos em bb.com.br/cultura e na bilheteria do CCBB SP

Classificação: Livre (recomendado para crianças a partir de 5 anos)

Capacidade: 120 lugares | *Duração:* 50 minutos

O SONHO DE UM HOMEM RIDÍCULO, da Cia Lúdica dos Atores, faz estreia paulista no Espaço Parlapatões



Foto: Camila Campos

Premiado solo mineiro, com direção de Alexandre Kavanji e atuação de Leo Horta, o espetáculo explora similaridades entre São Petersburgo e Minas Gerais. O Sonho de um Homem Ridículo recebeu 14 indicações a prêmios em seis festivais pelo Brasil, com destaque para as conquistas de Melhor Ator, Melhor Espetáculo de Palco, Melhor Trilha Sonora Original e Melhor Cenário

Para celebrar os 20 anos da mineira Cia Lúdica dos Atores, “*O Sonho de um Homem Ridículo*” estreia na capital paulista, no Espaço Parlapatões. A temporada vai de 4 a 21 de julho, com sessões de quinta a sábado, às 20h, e, aos domingos, às 19h.

Dirigido por Alexandre Kavanji, o espetáculo adapta para o teatro o clássico conto homônimo do escritor russo Fiódor Dostoiévski (1821-1881). O grupo teve a preocupação de manter o texto o mais fiel possível à obra original, transportando o público para um mundo de reflexões profundas sobre vida, morte e redenção.

Na trama, o ator Leo Horta, formado pela academia russa de teatro (The International Seminar “*The Stanislavsky System Today*”/Moscou, 2011 e Konstantin Stanislavsky and Mikhail Chekhov Today – practical training for actors and directors/Letônia, 2013), interpreta um personagem decidido a acabar com a própria vida, pois está mergulhado em reflexões sobre suas contínuas frustrações e a falta de significado e propósito no mundo que o rodeia.

O homem adormece em uma poltrona diante de um revólver carregado e tem um sonho fantástico com um mundo perfeito. Desta forma, o conto explora a introspecção do personagem e sua jornada rumo à compreensão de si mesmo e do universo ao seu redor.

SOBRE A ENCENAÇÃO

“*Para a adaptação teatral, nos interessa sobretudo esta narrativa fantástica – a intensidade da interpretação dramática, a inventividade da linguagem cênica, assim como uma reflexão crítica aliada à beleza que a obra de Dostoiévski nos proporciona*”, conta Kavanji.

O aprofundamento do ator na busca de vestígios do *Homem Ridículo* – personagem em constante movimento – foi fundamental. Assim como as pesquisas em artes plásticas, literatura e cinema que resultaram em explosões imagéticas que combinam com cenário, figurino e iluminação.



Foto: Aró Ribeiro

Para a criação do espetáculo, o grupo também recorreu a duas referências extras. Uma é o texto *O Louco, ou O Homem que Matou Deus*, de Friedrich Nietzsche, e a outra é uma reflexão sobre o mito de Sísifo feita por Albert Camus.

No dia 4 de julho, após a encenação, acontece um bate-papo entre o dramaturgo Luís Alberto de Abreu – conhecido pelos espetáculos *Bella Ciao, Foi Bom, Meu Bem?* e *Cala Boca Já Morreu* – e o jornalista de teatro Valmir Santos, que se debruça sobre a vida e a obra de Dostoiévski.

SINOPSE

Em “*O Sonho de Um Homem Ridículo*”, o personagem mergulhado em reflexões sobre as contínuas frustrações em sua vida, bem como a falta de significado e propósito no mundo que o rodeia, adormece na poltrona diante do revólver carregado, após decidir acabar com sua própria vida. Inicia-se então um dos sonhos mais fantásticos da literatura mundial, onde Dostoiévski propõe uma reflexão sobre o sentido da vida, a existência ou não do além vida, a força da empatia e o amor como um grande valor universal, explorando a introspecção do personagem e sua jornada rumo à compreensão de si mesmo e do universo ao seu redor.

SERVIÇO

“*O Sonho de Um Homem Ridículo*”

Temporada: 4 a 21 de julho

Espaço Parlapatões

Praça Franklin Roosevelt, 158, Consolação, São Paulo / SP

Dias/Horários: quinta a domingo, às 20h

Ingressos: R\$40,00 (Inteira) e R\$20,00 (Meia)

Classificação: 12 anos | Duração: 60 minutos



Foto: Cristina Granato

CARLOTA – FOCUS DANÇA PIAZZOLLA

Em curta temporada gratuita, chega a São Paulo o espetáculo que celebra o corpo como obra de arte suprema. Inspirado nas composições do argentino Astor Piazzolla, fica em cartaz de 5 a 14 de julho no Teatro do SESI-SP

No espetáculo *Carlota – Focus Dança Piazzolla*, da premiada Focus Cia de Dança, o coreógrafo e diretor Alex Neoral toma como matriz 11 composições do bandleonista e compositor argentino Astor Piazzolla. Por conceito, no conjunto de nove bailarinos, homens e mulheres são indistintos por figurinos: funcionam como extensão uns dos outros, condutores da energia de movimentos arrojados e poéticos, em passos que exploram solos e aéreos, engates e até momentos de contornos acrobáticos.

Os elementos do tango, criado há quase 150 anos, também servem de livre inspiração para os movimentos da coreografia, considerada uma das mais vigorosas da história da Focus Cia de Dança, que tem patrocínio oficial da Petrobras há uma década. *“Ao mesmo tempo em que faço alusão à minha trajetória formativa, sou extremamente sensível à obra de Astor Piazzolla, sempre quis criar uma obra para suas composições. Outro aspecto interessante é que venho de uma jornada de obras imagéticas, criando roteiros ou partindo de obras*

de compositores, escritores e pintores. Agora, volto a trabalhar o corpo como folha em branco para escrever gestos a partir da obra do compositor argentino”, afirma Alex Neoral.

Carlota – Focus Dança Piazzolla apresentou algumas cenas, ainda sem forma final, no Festival *Quartiers Danses*, em Montreal, no Canadá, em 2022, arrebatando a plateia. Em sua estreia no Rio de Janeiro, o espetáculo foi aclamado pela crítica e pelo público. “*Carlota se apropria da melancolia e rigidez do tango em cada momento da coreografia. Fala muito de abandono, seja pela atmosfera do gênero, seja por momentos que vivenciei ao longo da minha vida profissional, muitos dos quais fazem parte também da vida de todos nós*”, reflete Neoral.

AS MÚSICAS

"Oblivion" (1982) – uma das peças mais populares, no estilo milonga, para oboé e orquestra.

"As Quatro Estações Portenhas" (1965-1970) – criadas para violino, guitarra elétrica, piano, baixo e bandedoneón, foram divididas em *"Verão Portenho"* (1964), *"Outono Portenho"* (1969), *"Primavera Portenha"* e *"Inverno Portenho"* (1970).

"Years of Solitude" – gravada no álbum *"Summit"* em 1974, resultado do encontro entre Piazzolla e o saxofonista GerryMulligan.

"Fugata" e *"Soledad"* fazem parte do álbum *"La Camorra: The Solitude Of Passionate"* (1988), gravado com o New Tango Quintet.

"Patchouli" e *"Celos"* também fazem parte da trilha do espetáculo.

A obra *Carlota – Focus Dança Piazzolla* é dedicada às mestras que compõem os 30 anos de trajetória profissional de Alex Neoral – além de Carlota Portella, fundadora da *Cia Vacilou, Dançou*, também são homenageadas Regina Sauer, da *Cia Nós da Dança*, Giselle Tapias e Deborah Colker.



Foto: Elenize Dezeniski

OFICINA

Além da apresentação artística, a Focus Cia de Dança oferecerá uma oficina gratuita de Dança Contemporânea no dia 6 de julho, sábado, voltada a estudantes e profissionais. As informações sobre a oficina, data de inscrição e resultado estarão nas redes sociais da Focus Cia de Dança. As vagas são limitadas e os selecionados receberão a confirmação por email.

SOBRE A COMPANHIA

Ao longo de 24 anos, com 26 obras e 16 espetáculos em seu repertório, a Focus Cia de Dança se consagrou através da crítica especializada. A Companhia se apresentou em mais de 100 cidades brasileiras e levou sua arte para países como Colômbia, Bolívia, México, Costa Rica, Canadá, Estados Unidos, Itália, França, Alemanha, Portugal, Espanha e Panamá.

SERVIÇO

Carlota – Focus Dança Piazzolla

De 5 a 14 de julho

Teatro do SESI-SP, no Centro Cultural FIESP

Avenida Paulista, 1313 (em frente à estação Trianon-Masp do Metrô), São Paulo / SP

Dias/Horários: quinta a sábado, às 20h; domingos, às 19h

Sessão com audiodescrição dia 13 de julho

Classificação: 12 anos | *Duração:* 65 minutos

Os ingressos, gratuitos, são liberados às segundas-feiras que antecedem o evento, a partir das 8h.

Podem ser reservados no site www.sesisp.org.br/eventos

Oficina de Dança Contemporânea Gratuita

6 de julho

Teatro do SESI-SP, no Centro Cultural FIESP



Lalo de Almeida, *Seca na Amazônia* – Foto premiada na Categoriial Individual da América do Sul – Um pescador atravessa o leito seco de um braço do Rio Amazonas, próximo à comunidade indígena Porto Praia. Tefé, Amazonas, Brasil, 13 de outubro de 2023

Após seis anos, World Press Photo volta ao país com premiação inédita de quatro brasileiros

A mostra da maior organização mundial de fotojornalismo do mundo será exibida no Rio de Janeiro, de 3 de julho a 25 de agosto.

Em São Paulo, a partir de 15 de setembro. Nas duas cidades, nos espaços da Caixa Cultural

A exposição itinerante *World Press Photo 2024*, que reúne 129 fotografias vencedoras do 67º concurso anual, apresenta uma seleção do melhor do fotojornalismo e fotografia documental do mundo. As obras são um convite para que o visitante tenha um olhar mais reflexivo para histórias proeminentes e negligenciadas. As guerras em Gaza e na Ucrânia, migração, família, demência e meio ambiente estão entre os temas destacados nesta edição do prêmio. A *World Press Photo 2024*, que já passou por Amsterdã, Londres, Sydney e

Cidade do México, será exibida em mais de 60 cidades em todo o mundo.

Este ano, o júri tomou a decisão excepcional de incluir duas menções especiais na seleção. Quatro fotógrafos brasileiros estão entre os expositores.

Para o brasileiro Raphael Dias e Silva, curador e gerente da exposição, *“é uma grande honra estar de novo no Rio de Janeiro e em São Paulo, justamente*

Lee-Ann Olwage, *Valim-babena* – História do Ano – Por anos, Paul Rakotozandry, "Dada Paul" (91), que vive com demência, tem sido cuidado por sua filha Fara Rafaraniriana (41)



no ano que o Brasil tem pela primeira vez quatro ganhadores, mostrando que a qualidade do fotojornalismo brasileiro tem reconhecimento internacional. Com o apoio da Caixa Cultural conseguimos trazer o país de volta para o circuito.”

As fotografias que fazem parte do acervo da exposição foram selecionadas entre 61.062 inscrições de 3.851 fotógrafos de 130 países. São 24 projetos vencedores e seis menções honrosas, num total de 33 fotografos

de 25 países: Argentina, Austrália, Azerbaijão, Brasil, Canadá, China, República Democrática do Congo, França, Alemanha, Índia, Indonésia, Irã, Japão, Myanmar, Palestina, Peru, Filipinas, África do Sul, Espanha, Tunísia, Turquia, Ucrânia, Reino Unido, Estados Unidos e Venezuela.

Para representar melhor uma pluralidade de perspectivas e vozes globais, a *World Press Photo* introduziu em 2021 uma nova estratégia de premiação regional,

Alejandro Cegarra, *As Duas Paredes* – Prêmio Projeto de Longo Prazo – Um migrante caminha sobre o “*The Beast*”. Os que não podem pagar um contrabandista recorrem a trens de carga para chegar à fronteira dos EUA



dividindo os trabalhos pelos continentes onde foram criados. Este ano, o concurso premiou quatro categorias: *Individual*: fotografias individuais; *Reportagem*: 4-10 fotografias; *Projetos de Longo Prazo*: 24-30 fotografias; e *Formato Aberto*: projetos baseados em fotos que utilizam uma variedade de mídias e técnicas de narrativa. “O visitante tem a oportunidade de dar um passeio pelo mundo inteiro com as fotos premiadas pela Fundação World Press Photo”, explica Raphael.

O grande destaque desta edição é *Uma Mulher Palestina Abraça o Corpo de Sua Sobrinha* (foto de capa desta edição), do palestino Mohammed Salem, da Agência Reuters – premiada como a *Foto do Ano*. A imagem, segundo o autor, “foi um momento muito forte e triste que resume o sentido mais amplo do que estava acontecendo na Faixa de Gaza”. O trabalho foi registrado em 17 de outubro do ano passado, uma semana após o início dos ataques aéreos de Israel, em retaliação a incursão do Hamas.

Para a presidente do júri global e chefe de fotografia do jornal *The Guardian*, Fiona Shields, todas as imagens têm o “poder de transmitir um momento específico, ao mesmo tempo que ressoam além do seu próprio tema e tempo. A *Foto do Ano* resume esse impacto: é incrivelmente comovente e é, ao mesmo tempo, um argumento a favor da paz, algo extremamente poderoso quando a paz pode parecer uma fantasia improvável”.

A série *Valim-babena*, da Sul-africana Lee-Ann Olwage para GEO foi escolhida como a *Reportagem do Ano*. Nela, a fotógrafa aborda a demência, um problema de

saúde universal, através da lente da família e do cuidado. A seleção de imagens feita pela Olwage lembra aos espectadores o amor e a proximidade necessários em tempos de guerra e agressão em todo o mundo.

O projeto vencedor da categoria de *Longo Prazo*, *Os Dois Muros*, do venezuelano Alejandro Cegarra, do *The New York Times/Bloomberg*, traz imagens que são ao mesmo tempo implacáveis e respeitadas, e transmitem as emoções íntimas presentes em diversas jornadas de migração em todo o planeta.

A fotógrafa ucraniana Julia Kochetova venceu o prêmio de *Formato Aberto*. A obra apresenta imagens emotivas sobre a contínua invasão russa da Ucrânia e traz um fio de simbolismo visual, forte uso de sequências de cores e colaborações com um ilustrador e DJ ucranianos. O uso envolvente de áudio e ilustração — especialmente no diário poético e nas gravações de áudio — se destacou, conferindo uma qualidade cinematográfica ao trabalho.

Julia Kochetova, *A Guerra é Pessoal* – Prêmio de Formato Aberto – O projeto entrelaça imagens fotográficas com poesia, trechos de áudio e música





Gabriela Biló, *Insurreição* – Menção Honrosa – Em 8 de janeiro de 2023, o Palácio do Planalto, o Congresso Nacional e os prédios do Supremo Tribunal foram invadidos por centenas de apoiadores extremistas de Bolsonaro em uma ação coordenada

DO BRASIL

Os quatro brasileiros que se destacaram no concurso estarão expondo na *World Press Photo 2024*. Com *Seca na Amazônia* (foto de abertura desta matéria), trabalho premiado na *Categoria Individual da América do Sul*, Lalo de Almeida (premiado três vezes pelo World Press Photo) retrata a realidade de Porto Praia, lar dos povos indígenas Ticuna, Kokama e Mayoruna, que não tem acesso rodoviário e normalmente só é alcançável por via fluvial. A seca fez com que os moradores tivessem que caminhar quilômetros ao longo do leito do rio para

chegar às suas casas. A fotografia de Lalo captura a gravidade da crise ambiental global e da seca na Amazônia. Lalo de Almeida passou uma década documentando questões ambientais, sociais e indígenas da Amazônia.

Agraciada com uma Menção Honrosa por *Insurreição*, Gabriela Biló, fotógrafa da Folha de São Paulo radicada em Brasília, lança luz sobre os acontecimentos de 8 de janeiro de 2023 no contexto mais amplo da dinâmica política do Brasil. Ao documentar o ataque às instituições democráticas e aos jornalistas, sua foto destaca a

importância de defender os valores democráticos e a liberdade de imprensa no Brasil e no mundo.

Felipe Dana e Renata Brito (Associated Press Carioca) foram premiados na categoria *Formato Aberto* com *À Deriva*. No ensaio, eles contam a história de um barco vindo da Mauritânia, cheio de homens mortos, que foi encontrado na costa da ilha caribenha de Tobago. Quem eram esses homens e por que estavam do outro

lado do Oceano Atlântico? Os jornalistas procuraram respostas, descobrindo uma história sobre migrantes da África Ocidental que buscam oportunidades na Europa por meio de uma rota atlântica cada vez mais popular, mas traiçoeira.

CONCURSO

O Concurso Anual World Press Photo celebra os exemplos mais cativantes, informativos e inspiradores do fo-

Felipe Dana e Renata Brito, *À Deriva* – Formato Aberto – uma história sobre migrantes da África Ocidental que buscam oportunidades na Europa por meio de uma rota atlântica cada vez mais popular, mas traiçoeira



tojornalismo e da narrativa visual de todo o mundo. Esta é a 67ª premiação da organização que teve início em 1955, quando um grupo de fotógrafos holandeses organizou um concurso internacional – *World Press Photo* para expor seu trabalho a um público global. Fiel ao objetivo de “conectar o mundo às histórias que importam”, a organização vem imprimindo iniciativas para incentivar uma representação mais diversificada e inclusiva do mundo. A World Press Photo Foundation é uma organização independente, sem fins lucrativos, sediada em Amsterdã.

SERVIÇO

World Press Photo Exhibition 2024

De 3 de julho a 25 de agosto

Caixa Cultural

R. do Passeio, 38, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: terça a sábado, das 10h às 20h;
domingos e feriados, das 11h às 18h

Bilheteria: Terça a sábado, das 13h às 19h;
domingos e feriados das 13h às 18h

Vincent Haiges, *Voltando para casa da guerra* – Individual – Kibrom Berhane (24) cumprimenta sua mãe pela primeira vez desde que se juntou ao Tigré Forças de Defesa, dois anos antes. Saesie Tsada, Etiópia





Adenor Gondim, *Irmadade da Boa Morte*

LÉLIA EM NÓS: FESTAS POPULARES E AMEFRICANIDADE

Inspirada no livro Festas Populares no Brasil, de Lélia Gonzales, Sesc Vila Mariana, SP, promove celebração da cultura afro-brasileira. Com curadoria de Glaucea Britto e Raquel Barreto, e inspirada por livro que ganha nova edição, a mostra reúne pinturas, fotografias, instalações, documentos históricos e obras inéditas de artistas contemporâneos que ilustram o pensamento da antropóloga, historiadora e filósofa brasileira Lélia Gonzalez (1935-1994)



Rainha Favelada, *detalhe de instalação*
Foto: Everton Ballardin

A partir de um recorte que estabelece diálogos e reflexões suscitados pela produção intelectual de Gonzalez, ativista do movimento negro brasileiro e teórica do feminismo negro, o Sesc Vila Mariana e Boitempo Editorial apresentam até 24 de novembro a exposição *Lélia em nós: festas populares e amefricanidade*. Além da mostra, o lançamento da nova edição do único livro publicado em vida pela historiadora.

Com uma seleção de produções contemporâneas e de diferentes períodos, reunida em cinco eixos temáticos, a exposição exhibe pinturas, fotografias, documentos históricos, objetos, performances, instalações e vídeos de Alberto Pitta, Heitor dos Prazeres, Januário Garcia, Maria Auxiliadora, Nelson Sargento e Walter Firmo, além de 12 trabalhos inéditos de artistas como Coletivo Lentes Malungas, Eneida Sanches, Lidia Lisboa, Lita Cerqueira, Manuela Navas, Maurício Pazz, Rafael Galante e Rainha Favelada.

A exposição contém ainda um recorte de musicalidades do universo das festas e festejos brasileiros, das intervenções do DJ Machintowne, do trombonista Allan

Abbadia, além de registros fonográficos da discoteca pessoal de Lélia. Partindo de conceitos teóricos desenvolvidos pela homenageada, como a categoria político-cultural de amefricanidade – termo cunhado pela acadêmica em contraposição à ideia hegemônica de afro-americanidade – a mostra convida o público à compreensão do potencial da cultura popular afro-brasileira como tecnologia de identidade e resistência.

Outro grande feito da parceira Sesc-Boitempo é o lançamento da nova edição de *Festas populares no Brasil*, de 1987, obra que não foi oficialmente lançada no mercado – teve o patrocínio de uma multinacional e foi distribuída como presente de fim de ano. Os textos evidenciam laços indissociáveis entre Brasil e África por meio de manifestações populares como o Carnaval, o Bumba-Meu-Boi, as Cavalhadas e festas afro-brasileiras como as Congadas e o Maracatu. A obra, ilustrada, inclui também materiais inéditos da autora.

Capa do livro *Festas Populares no Brasil*, de 1987
Foto: Divulgação



ARTISTAS E EIXOS TEMÁTICOS

1. Festas populares: o livro

Espaço expositivo que reafirma Lélia Gonzalez como uma intérprete do Brasil por meio de excertos textuais de *Festas populares no Brasil* e reproduções fac-similares de artigos publicados na imprensa e documentos históricos. Nesse mesmo núcleo também estão presentes obras de, entre outros, Ivan da Silva Moraes, Simba, José Luiz Soares e Kevin da Silva, além de fotografias de Walter Firmo e Adenor Godim.

2. Racismo e sexismo na cultura brasileira.

Cumé que a gente fica?

Este tema reúne trabalhos inéditos de cinco artistas negras que foram convidadas para dar expressão artística visual ao texto mais icônico e significativo de Lélia Gonzalez, *“Racismo e sexismo na cultura brasileira”*, ensaio publicado em 1984 na Revista *Ciências Sociais Hoje*. Artistas: Lidia Lisboa, Eneida Sanchez, Manuela Navas, Hariel Revignet e Rainha.

Hariel Revignet, *Mina de Ouro* Foto: Cortesia Galeria Mitre



3. Pele Negra, máscaras negras

O título desse núcleo dialoga com um dos livros mais importantes para a ascensão dos movimentos da luta antirracista, *Pele negra, máscaras brancas* (1952), do psiquiatra Frantz Fanon, autor fundamental para Lélia. Na proposta das curadoras, esse eixo é uma celebração à presença das máscaras e dos mascarados em inúmeras festas populares do Brasil. O núcleo reúne fotografias de Carlos Humberto TDC, Jandir Gonçalves, Ismael Silva e Márcio Vasconcelos; obras de Simba, Bea Machado, Uberê Guelê; e uma instalação e performance de Guinho Nascimento.



Guinho Nascimento, *instalação-performance*
Foto: Everton Ballardin

4. Beleza Negra, ou: ora-yê-yê-ô

Aqui a mostra evidencia a beleza e a dimensão política de afoxés, cortejos conduzidos por reis e rainhas, que agregam multidões e possuem estreita relação de origem com os terreiros de candomblé de Salvador. Estão reunidos neste espaço objetos pessoais de Lélia; fotografias de Januário Garcia, Antônio Terra, Bauer Sá, Lita Cerqueira, Bruno Jungmann, Arquivo Zumvi (Lazaro Roberto e Jonatas) e Mônica Cardim; obras de J Cunha, Alberto Pitta, Maria Auxiliadora e Isa do Rosário de Maria; e trabalhos de Nádia Taquary e do Coletivo Lentes Malungas.



Maria Auxiliadora, *Sem título*

Foto: Bruno Leão



Sergio Vidal, *Manhã de Carnaval*

Foto: Everton Ballardin

5. De Palmares às escolas de samba, tamo aí!

O núcleo estrutura-se a partir da consideração de Lélia de que Palmares forjou uma nacionalidade brasileira baseada na igualdade. Nesse sentido, a contribuição das mulheres negras estaria presente desde a criação de Palmares, passando por todas as experiências socio-culturais do povo brasileiro, como as escolas de samba, e de instituições religiosas, como os terreiros de candomblé. Artistas: Eustáquio Neves, Letícia Mercier, Januário Garcia, Walter Firmo e Lita Cerqueira. Sergio Vidal, Raquel Trindade, Heitor dos Prazeres, Maria Auxiliadora, Nelson Sargento, Wallace Pato, Mulambö, Bea Machado, Rafael Galante e Maurício Pazz.

SOBRE LÉLIA GONZALEZ

Lélia Gonzalez (1935-1994) foi uma das mais importantes intelectuais brasileiras do século 20. É uma referência nos estudos e debates de gênero, raça e classe no Brasil, na América Latina e pelo mundo, sendo considerada uma das principais autoras do feminismo negro no país. Foi cofundadora do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras do Rio de Janeiro (IPCN-RJ) e

do Movimento Negro Unificado (MNU). Autora de *Festas populares no Brasil* (Boitempo, 2024), coautora de *Lugar do Negro* (1982), livro escrito com o sociólogo Carlos Hasenbalg, e de artigos de grande relevância sociopolítica para a disseminação do debate acadêmico sobre as intersecções entre raça e gênero.

SOBRE AS CURADORAS

Glaucea Helena de Britto

Mestra em Artes e licenciada em Educação Artística pela Universidade de São Paulo (USP). Possui certificado em Estudos Afro-Latino-Americanos pela Universidade de Harvard. É *formerfellow* em Direitos Humanos pela Organização das Nações Unidas (ONU), gestora do Terreirão Cultural, coordenadora de espaços educativos do Akoma Institute e curadora-assistente do MASP.

Raquel Barreto

É historiadora e curadora-chefe do Museu de Arte Moderna do Rio. Especialista nas autoras Angela Y. Davis (1944) e Lélia Gonzalez (1935-1994). Na tese de doutorado escreve sobre o Partido dos Panteras Negras



Marcio Vasconcelos, *Miolo de boi*

Foto: Divulgação

(1966-1974) e as relações entre fotografia, política e poder. Foi cocuradora das exposições *Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros* e *Heitor dos Prazeres é meu nome*.

SERVIÇO

Lélia em nós: festas populares e amefricanidade

Até 24 de novembro

Sesc Vila Mariana

Rua Pelotas, 141, Vila Mariana, São Paulo / SP

Dias/Horários: terça a sexta, das 10h às 21h;

sábados, das 10h às 20h; domingos e feriados, das 10h às 18h

Agendamento de grupos:

agendamento.vilamariana@sesc.org.br

Entrada gratuita



André Vargas, *Leia Lélia*

Foto: Gabriel Zimbardi

*“Alberto
Pitta –
Outros
carnavais”,
na Galeria
Nara
Roesler
Rio de
Janeiro*

Alberto Pitta, *Sem título*, 2020
Foto: Flávio Freire

Com curadoria de Vik Muniz, a mostra reúne a produção ao longo de mais de quarenta anos do artista junto ao carnaval da Bahia, com serigrafias que vestem os milhares de foliões de vários blocos, como o Olodum, onde foi diretor artístico de 1984 a 1997

Alberto Pitta (1961, Salvador) revolucionou as fantasias do carnaval da Bahia, onde é figura central. Com curadoria de Vik Muniz, seu amigo há 24 anos, a mostra *“Alberto Pitta – Outros Carnavais”* faz um apanhado histórico de sua produção ao longo de mais de quarenta anos junto a vários blocos – como o Olodum, com tecidos, matrizes antigas e esboços, além de uma parte documental.

O segundo andar da galeria é dedicado aos trabalhos recentes e inéditos do artista – pinturas em serigrafia e tinta sobre tela, com predominância de tons de branco – que remetem aos bordados em ponto Richelieu que sua mãe fazia. A exposição conta ainda com uma instalação, na claraboia da galeria, composta por amostras de tecidos de seu acervo de mais de três décadas.

“Quero que as pessoas vejam o tamanho deste artista, e o que ele vem fazendo há mais de quarenta anos”, afirma Vik Muniz. “Ele já expôs na Alemanha, em Sidney, em muitos lugares. Esta mostra pode ser importante para ele, mas é mais ainda para o mundo da arte”, destaca. “Não estou fazendo nenhum favor a Alberto Pitta com esta mostra no Rio. Estou fazendo um favor para quem não conhece seu trabalho”, diz Vik.

Alberto Pitta e Vik Muniz se conheceram em 2000, na exposição *“A Quietude da Terra: vida cotidiana, arte contemporânea e projeto axé”*, que reunia artistas baianos e internacionais, com curadoria de France Morin, no Museu de Arte Moderna da Bahia. Desde então mantêm uma amizade próxima. Vik revela que, como artista, sempre se preocupa em como a arte se torna relevante a partir do momento em que transcende o contexto da galeria e do museu e passa a fazer parte do dia a dia das pessoas. *“Isso abriu um enorme diálogo, longo, entre Pitta e eu”, comenta.*



Alberto Pitta, *Namorados*, 2020

Foto: Flávio Freire



Alberto Pitta, *Amalá*, 2021

Foto: Flávio Freire

“A iconografia dentro do trabalho dele é muito importante, e vai-se aprendendo. É uma cartilha de significados, muitos deles discretos, porque o candomblé não gosta muito de falar, e Pitta vai soltando as coisas de forma homeopática. Pitta já invadiu o entorno do cubo branco, e agora nesta mostra queremos contar um pouco de cada coisa que ele fez”, diz Vik.

Filho da ialorixá Mãe Santinha, do Ilê Axé Oyá, educadora e bordadeira, especialista em ponto Richelieu, Pitta começou no final dos anos 1970 a criar serigrafias com símbolos e signos do candomblé e da cultura indígena, para pequenos blocos de carnaval como o Zâm-

bia Pombo e Oba Layê, do bairro onde morava, em São Caetano. A partir do início dos anos 1980, o artista passou a fazer estampas para as fantasias de vários blocos, como Badauê, Ara Ketu, Timbalada, entre outros. De 1984 a 1997, foi diretor artístico do Olodum, *“tendo passado de Paul Simon a Michael Jackson”,* brinca.

“Aprenda a ler e ensine seus camaradas”, diz ele, citando a frase do compositor Roberto Mendes, de Santo Amaro, ao explicar que escreve nos panos para quem não sabe ler. Ele diz gostar de provocar *“encontros de analfabetos”*: *“Entre os que não tiveram oportunidade de estudar, e os que são da academia, mas não conhecem os símbolos das religiões de matriz africana”*. Todo seu trabalho parte da serigrafia, com que ele também faz instalações. Em 2019, Alberto Pitta foi convidado pelo Filhos de Gandhi para criar as fantasias do carnaval que celebrava os 70 anos do bloco. Atualmente ele tem o seu próprio bloco, o Cortejo Afro.

Alberto Pitta participou da 24ª Bienal de Sidney, encerrada em 8 de junho. Os trabalhos de Alberto Pitta foram selecionados entre 116 artistas e coletivos de 45 países e territórios.

SOBRE ALBERTO PITTA

O artista Alberto Pitta, nascido em 1961, em Salvador, onde vive e trabalha, tem como elemento central de seu trabalho a estampa têxtil e a serigrafia, embora também venha se dedicando à pintura e a obras escultóricas nos últimos anos. Com uma carreira de mais de quatro décadas, sua produção é muito ligada a festividades populares e em diálogo com outras linguagens, como a indumentária.

Alberto Pitta começou a produzir estampas para os trajes dos blocos carnavalescos afro de Salvador já no final dos anos 1970 – estampas com signos, formas e traçados que evocam elementos tradicionais africanos e afro-diaspóricos, em especial os oriundos da mitologia yorubá, muito presente em Salvador e no recôncavo baiano.

Entre as mostras que participou destacam-se as individuais “Mariwó”, na Paulo Darzé Galeria (2023), em Salvador, e “Eternidade Soterrada”, organizada pela Carmo & Johnson Projects (2022), em São Paulo. Entre as coletivas, a sua participação na 24ª Bienal de Sidney (2024); “O Quilombismo”, na Haus der Kulturen der Welt, em Berlim (2023); “Encruzilhada”, no Museu de Arte Moderna de Salvador (2022), e “Um Defeito de

Cor”, no Museu de Arte do Rio (2022), Rio de Janeiro. Seu trabalho figura em coleções institucionais como: Instituto Inhotim, em Brumadinho; Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro; e Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador.

SERVIÇO

“Alberto Pitta – Outros carnavais”

Até 10 de agosto

Galeria Nara Roesler

Rua Redentor, 241, Ipanema, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3591-0052 | info@nararoesler.art

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábado, das 11h às 15h

<https://nararoesler.art/>

Entrada gratuita

Foto: Divulgação





Foto: Thais Alvarenga

35 anos CCBB Rio de Janeiro

“Primeiro de Março 66 – Arquitetura de Memórias”

Para comemorar os 35 anos do Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro, exposição resgata a trajetória e a importância arquitetônica do icônico prédio situado no coração do centro histórico da cidade

Ambientada nas salas do 4º andar do Centro Cultural, a exposição inovadora, que faz parte das comemorações dos 35 anos do CCBB Rio de Janeiro, retrata o prédio como um ser vivo, cuja história se entrelaça com a da cidade e da cultura nacional. Desde a construção do projeto original, iniciada ainda no século XIX, até sua

utilização na atualidade, o edifício testemunhou diversas transformações, refletindo os diferentes contextos sociais, urbanos e institucionais ao longo do tempo.

Na mostra o público é convidado a explorar a trajetória do prédio por meio de uma variedade de elementos,

incluindo fotografias históricas, documentação iconográfica, ensaios fotográficos, vídeos e depoimentos. A exposição oferece uma oportunidade única para compreender a evolução do prédio, desde sua concepção até seu papel vital como um espaço cultural de destaque nos dias atuais.

“Este prédio sempre foi, desde a sua origem, local de muitas transformações, um organismo vivo que se relacionava de forma intensa com a cidade, o Brasil e o mundo. É muito representativo acompanhar essa história e a trajetória que deu origem ao Centro Cultural Banco do Brasil, bem como observar de que modo a diversidade foi dando identidade ao espaço”, diz Sueli Voltarelli, gerente geral do Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro.

Ao destacar o papel histórico do prédio para além de sua presença física, Sueli afirma: *“São 35 anos de atuação regular, sempre de portas abertas e oferecendo*

Foto: Acervo CCBB



programação com alto padrão de qualidade e atendimento acolhedor e atento. É muito importante estar alinhado às mudanças da sociedade para manter-se atual e relevante para as pessoas, conectando gerações de brasileiros com a cultura”.

Entre os destaques da exposição estão preciosidades do Arquivo Histórico da instituição, como fotografias contextualizando o prédio no cenário histórico da Rua Primeiro de Março, documentação fotográfica dos detalhes arquitetônicos e dos diferentes espaços do CCBB,

Rua Primeiro de Março, c. 1890

Foto: Marc Ferrez





Foto: Bruno Bou Haya

como galerias, teatro, museu e cafeteria, além de fotos da inauguração da sede do Banco do Brasil, em 1926, e documentação fotográfica contemporânea, enfocando a relação do prédio com o seu contexto urbano, com os seus frequentadores e com as suas funções de equipamento cultural.

Com curadoria do antropólogo e fotógrafo Milton Guran, a exposição *"Primeiro de Março 66 – Arquitetura de Memórias"* explora profundamente as camadas de significado e memória que compõem o edifício. *"A cidade pulsa através da sua vida cultural e o CCBB, há 35 anos, marca essa pulsação. Nesta exposição tomamos o prédio como um organismo vivo, que começou a ser construído ainda no século XIX, para visi-*

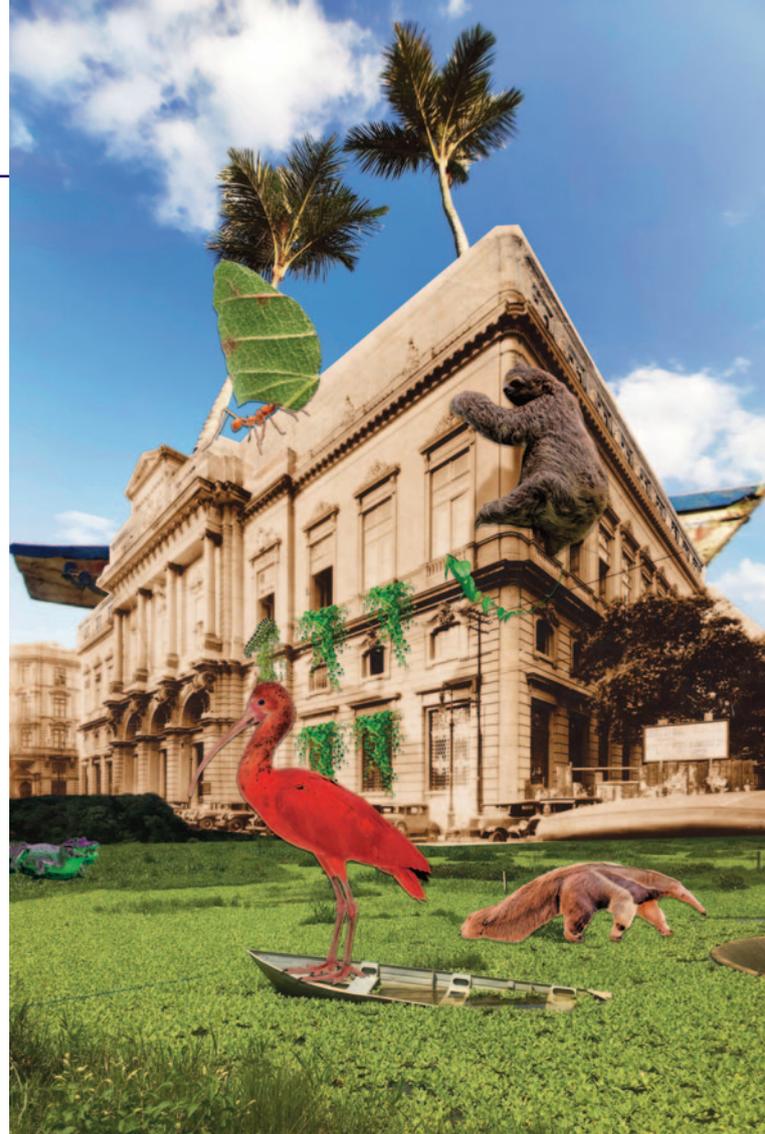
tar a cidade na sua história e mostrar como o conceito de consumo cultural foi sendo construído entre nós nas últimas décadas tendo o CCBB como seu principal instrumento, replicado pelo país afora", afirma o curador.

Para a realização da exposição foi executado um projeto de digitalização de um segmento do acervo do Arquivo Histórico do Banco do Brasil. A exposição conta, ainda, com uma trilha musical exclusiva, de autoria do compositor Marcos de Souza. O lançamento de um livro com todo o conteúdo da mostra e textos de especialistas como o historiador Luiz Antônio Simas, a professora de literatura Maria Inês Azevedo e o arquiteto e professor José Pessoa também faz parte das comemorações de aniversário do CCBB.

A EXPOSIÇÃO

A exposição *"Primeiro de Março 66 – Arquitetura de Memórias"* é concebida a partir de três eixos temáticos que refletem momentos cruciais da história do prédio. O primeiro remonta ao século XIX, quando a construção teve início, marcando a principal artéria da cidade na época. O segundo momento ocorre com a aquisição do prédio pelo Banco do Brasil, que o reformou para servir como sua sede, em 1926. A terceira fase se inicia em 1989, com a transformação do edifício no primeiro Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB).

A mostra compreende três ensaios fotográficos distintos: o primeiro realizado por AF Rodrigues, fotógrafo da agência *Imagens do Povo*, documenta o prédio em seu contexto urbano; Thais Alvarenga, fotógrafa e



Ensaio da artista visual Moara Tupinambá

arte educadora, é a responsável por capturar as relações sociais dentro CCB; e Bruno Bou Haya, fotógrafo especializado em memória, documenta o funcionamento do centro cultural.

Além disso, a exposição conta com uma intervenção fotográfica de Thiago Barros sobre uma imagem histórica, e um ensaio exclusivo, concebido pela artista visual Moara Tupinambá especialmente para a exposição, a partir de imagens do Arquivo Histórico do BB. Algumas imagens originais desse acervo, que ilustram o funciona-

mento da sede do banco entre 1926 e 1960, e da agência 001 da Instituição, também estão expostas em vitrines, enquanto outras são ampliadas e exibidas nas paredes.

Assim como o Arquivo Histórico, o Museu também contribuiu para a exposição com equipamentos e móveis de época. O principal destaque é um pneumático de comunicação da antiga sede do banco.

O visitante pode interagir ativamente com o conteúdo da mostra através de um sistema de visualização de

imagens e de um programa de *touchscreen* para acesso aos conteúdos de parte expressiva da programação do CCBB nos últimos 35 anos.

SOBRE O CCBB RJ

Inaugurado em 12 de outubro de 1989, o Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro marca o início do investimento do Banco do Brasil em cultura. Instalado em um edifício histórico, projetado pelo arquiteto do Império, Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, é um marco da revitalização do centro histórico da cidade do Rio de Janeiro. São 35 anos ampliando a conexão dos brasileiros com a cultura com uma programação relevante, diversa e regular nas áreas de artes visuais, artes cênicas, cinema, música e ideias.

SERVIÇO

"Primeiro de Março 66 – Arquitetura de Memórias"

Até 16 de dezembro

Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (CCBB RJ)

Rua Primeiro de Março, 66, 2º andar, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Contato: (21) 3808-2020 | ccbbrjo@bb.com.br

Mais informações em bb.com.br/cultura

Entrada gratuita – Retire seu ingresso na bilheteria física ou em bb.com.br/cultura

Dias/Horários: de segunda a domingo*, das 9h às 20h (fecha às terças-feiras)

*Aos domingos, das 8h às 9h, atendimento exclusivo para visitação de pessoas com deficiências intelectuais e/ou mentais e seus acompanhantes, conforme determinação legal (Lei Municipal nº 6.278/2017).



Thiago Barros, *Sem título*
Intervenção digital
na fotografia do Arquivo
do Banco do Brasil,
autor desconhecido,
rotunda com os guichês
de atendimento em 1943



DUDA MORAES

Entre force

et fragilité,

e a

continuação

do gesto,

na

Anita Schwartz

Galeria de Arte,

RJ

Duda Moraes, *Floresta Rosa e Laranja*
Foto: Divulgação

De 10 de julho a 24 de agosto, a artista carioca mostra seu trabalho atual, que traz as cores, a mata atlântica e a vibração do Rio de Janeiro, suas referências na pintura, e o processo de amadurecimento vivido após sete anos radicada em Bordeaux, na França

A exposição propõe uma imersão na trajetória artista, e começa com um grande painel na parede central do espaço térreo da galeria: seis pinturas em cores fortes e vibrantes, cada uma medindo 1,95m de altura por 1,30m de largura, com a paisagem tropical, uma característica marcante de seu trabalho. Na parede lateral direita, três telas menores mostram o olhar carioca de Duda sobre as delicadas flores primaveris da cidade francesa. Do lado oposto, uma grande peça medindo 3,60m de altura por 2,60m de largura, traz uma composição de tecidos nobres de descarte de empresas francesas de estofamento, na qual a artista mantém o olhar e o gesto da pintura usando tesoura e máquina de costura.

“Não pinto flores. São elas que me dão vontade de pintar”, afirma a artista. “Tem as questões do feminino, a ambiguidade entre força e fragilidade, e exploro muito o gesto, as formas, o equilíbrio das cores”, revela Duda. Ela estará presente na abertura da exposição, que tem texto crítico assinado por Élise Girardot, com tradução do texto em português de Madeleine Deschamps.

Graduada em desenho industrial pela PUC Rio em 2010, Duda Moraes trabalhou por cinco anos na criação de estampas para a indústria têxtil e grandes marcas de moda, no escritório de Ana Laet. Criada em ambiente



Duda Moraes, *Dans la forêt*

Foto: Divulgação

artístico (filha da pintora Gabriela Machado), frequentou um curso com Charles Watson e fez exposições em



Duda Moraes, *Os lírios se abraçam*

Foto: Divulgação

Belo Horizonte e no Rio. No final de 2016, foi morar em Bordeaux, onde casou e teve seu primeiro filho, nascido antes da pandemia.

“Entre force et fragilité, e a continuação do gesto” apresenta este percurso vivido por Duda Moraes. *“Quero mostrar no Rio essa minha passagem, a maturação do tempo em que estou na França, sete anos, um número marcante, como um primeiro ciclo”*, confessa.

LUZ, CORES, NATUREZA

Sem falar francês, Duda Moraes só sabia que Bordeaux produzia vinho. Com o nascimento do filho Tito, em 2018, ela se dedicou a ele e a todo o processo de inserção na nova vida por dois anos. Nesse período, pesquisou muito a cena artística da cidade e encontrou na associação de ateliês de artistas de Bordeaux, L'annexe B, o espaço ideal para trabalhar, onde tem um ateliê até hoje.

Ao falar sobre a mostra, Duda ressalta que as seis pinturas que formam o grande painel na parede central da galeria podem ser intercambiáveis. *“Elas criam a sensação de se estar dentro da floresta em uma escala um por um, como uma porta, uma janela, para se entrar nesse universo que trago comigo independentemente de onde esteja. Me expresso através dos elementos da natureza, da luz do Rio e das cores, que são referências do Brasil muito fortes na minha vida. São as flores que me dão vontade de pintar”*, afirma. *“Floresta Rosa e Laranja”* (2023), *“Os Lírios se Abraçam”* (2023), *“Flores em Rosa”* (2024), *“Quero girar para o Sol”* (2024), *“Iris”* (2024), e *“Dans la forêt”* (2024) são as obras que compõem o painel.

Na parede ao lado, estão três telas menores, em tinta acrílica e a óleo sobre tela, com flores encontradas comumente em Bordeaux, pintadas com o “olhar tropical” da artista. As pinturas desta série são *“Tulipe Perroquet”*, *“Narcisse jaune”* e *“Jardin dès Pivoines”*, todas de 2024, em óleo e acrílica sobre tela, com 1,40m x 1,60m.

OLHAR BRASILEIRO SOBRE TONS INVERNOSOS

Duas obras com tecidos ocupam a outra parede. O uso desse material em seus trabalhos teve início em 2020, em meio ao confinamento, época em que não podia ir ao ateliê. “No lugar do pincel, a tesoura”, brinca a artista. “Minha pintura é muito tropical, muito colorida; agora uso também tons mais invernosos, vindos dos tecidos franceses”. As obras expostas são “Le Grand Tissu” (2021), de 3,60m x 2,60m e “Les Couleurs qui Tombent” (2022), de 1,40m x 1,67m, ambas composições de tecidos recuperados costurados com fios.

SOBRE DUDA MORAES

Duda Moraes nasceu no Rio de Janeiro, em 1985. Atualmente mora e trabalha em Bordeaux, França. Desde 2020, ocupa um ateliê no L'annexe B (Associação de ateliês dos artistas de Bordeaux); ano passado foi vencedora do Prêmio Robert Coustet, pela cidade de Bordeaux.

Formada em Desenho Industrial na Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), trabalhou durante cinco anos em um escritório de design têxtil, onde criou estampas para grandes marcas brasileiras. Na França, a partir de estudos de colagem para suas pinturas, iniciou uma nova série com tecidos. Seu trabalho ganha então uma nova forma, com tons invernais e estilos mais nobres graças aos tecidos de veludo, sedas e padrões arabescos.

Entre as mostras individuais e coletivas que participou destacam-se as realizadas em Bordeaux Métropole, na

Galerie du Petit Atelier e na Capela de La Misericorde; em Libourne, com o projeto *Noyau da associação Fhon*, a “La Dame à la Licorne” nos *Glacières de La Banlieue*, *Bleu Satellite*, um off do salão bad+ e no projeto *DiffRACTIS*, um percurso artístico em jardins privados.

SERVIÇO

“Duda Moraes – Entre force et fragilité, e a continuação do gesto”

Abertura: 10 de julho, das 19h às 21h

Até 24 de agosto

Anita Schwartz Galeria de Arte

Rua José Roberto Macedo Soares, 30, Gávea, Rio de Janeiro / RJ

Tels.: (21) 2274-3873 | 2540-6446 | 99603-0435 (whatsapp)

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábados, das 12h às 18h

Entrada gratuita

www.anitaschwartz.com.br



Duda Moraes, *Flores em Rosa*

Foto: Divulgação

J. BORGES – O SOL DO SERTÃO



*Museu do Pontal apresenta a mais completa exposição
do mestre da xilogravura brasileira*

A obra de J. Borges ocupa o Museu do Pontal, por dentro e por fora. Com curadoria de Angela Mascelani e Lucas Van de Beuque, a exposição *J. Borges – O sol do sertão* é a mais completa da longa trajetória do mestre da xilogravura brasileira. Mais de 200 obras que abrangem os 60 anos de carreira do artista pernambucano, entre xilogravuras, matrizes, cordéis de sua autoria e vídeos produzidos especialmente para a mostra, estão em exibição em diversos espaços.

*“Essa exposição é um grande
passeio pela minha obra
– das primeiras,
há 60 anos, até as últimas,
como a que foi dada
ao Papa esse ano”*

J. Borges



– *J. Borges é reverenciado. Ele é considerado um dos mais importantes artistas do nosso país. Estamos inaugurando uma exposição digna deste mestre. Fizemos uma grande pesquisa curatorial, envolvendo coleções diversas, para montar uma mostra que apresenta uma abordagem panorâmica inédita sobre sua trajetória – explica o curador Lucas Van de Beuque.*

– *A obra de J. Borges traz as temáticas populares e o Nordeste para a cena principal. E a exposição conta a sua história no Rio de Janeiro, cidade com a qual o mestre mantém forte ligação – afirma a curadora Angela Mascelani. – Esta é a maior e mais completa exposição de J. Borges já realizada – reforça Pablo Borges, filho de J. Borges, artista e gestor do Memorial J. Borges.*

As fantásticas criações de J. Borges ocupam duas galerias do mezanino, parte do foyer e da galeria principal, em diálogo com o acervo de arte brasileira do Museu do Pontal. No jardim interno, um mural de 24 m² recebe uma de suas criações mais populares. *A Asa Branca*, xilogravura inspirada pela música de Luís Gonzaga, é eternizada no Museu em uma reprodução feita pelo artista Pablo Borges, filho do mestre. A exposição segue até o dia 30 de março de 2025 e tem entrada gratuita.

Obras marcantes de sua carreira também estão na mostra, como *O Monstro do Sertão*, *O Discurso da*



Onça, A Mulher Valente, Emboscada de Lampião e a xilogravura Jesus, Maria e José – A Sagrada Família, com que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva presenteou o Papa Francisco, em visita ao Vaticano no ano passado.

– Eu faço tudo ligado ao Nordeste e ao sertão. O Nordeste é a região mais rica em cultura popular. Está encravada de poesia. Até a situação da terra, com a seca ou a chuva, atrai o sentimento – afirma J. Borges.



SOBRE O ARTISTA

J. Borges nasceu em 20 de dezembro de 1935, na cidade de Bezerros, em Pernambuco, onde vive hoje. No mesmo local, funciona o seu Memorial, um misto de ateliê e galeria, visitado diariamente por centenas de estudantes de diferentes regiões do Nordeste. O artista, aos oito anos de idade já estava na lavoura, só frequentou a escola por dez meses, aos 12 anos. Na juventude chegou a trabalhar na construção civil, em

usinas de açúcar, olarias e na produção de móveis de madeira.

Começou na arte vendendo e produzindo literatura de cordel (o primeiro folheto que publicou foi em 1964). Suas primeiras xilogravuras surgiram para ilustrar os seus cordéis que ganharam admiradores de peso, como o escritor Ariano Suassuna. De lá para cá, a obra de J. Borges conquistou o mundo, integra coleções no Brasil e no exterior, já tendo realizado exposições na França, Estados Unidos, Alemanha, Suíça, Itália, Venezuela e Cuba.

O artista tem vários prêmios, como a comenda da Ordem do Mérito Cultural, o prêmio UNESCO na categoria Ação Educativa/Cultural e o título de Patrimônio Vivo de Pernambuco. Ainda ilustrou a capa de livros de escritores como Eduardo Galeano e José Saramago, inspirou documentários e desfile de escola de samba (em 2018, foi tema da Acadêmicos da Rocinha).

SERVIÇO

J. Borges – o sol do sertão

Até 30 de março de 2025

Museu do Pontal

Avenida Celia Ribeiro da Silva Mendes, 3.300,

Barra da Tijuca, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: de quinta a domingo,
das 10h às 18h

(o acesso às exposições se encerra às 17h30)

museudopontal.org.br/





Catherine Opie,
J., da série *Being
and Having*, 1991
Foto: Cortesia da artista

DUAS NOVAS EXPOSIÇÕES NO MASP

A partir de 5 de julho, o Museu de Arte de São Paulo proporciona experiências inéditas para o público brasileiro, com as mostras de CATHERINE OPIE e LIA D CASTRO.

Artista de vanguarda em questões de gênero, a norte-americana faz sua primeira mostra individual no Brasil e exhibe seus retratos nos icônicos cavaletes de cristal do acervo da instituição. A brasileira Lia D Castro, por sua vez, realiza sua primeira exposição individual em um museu – pinturas que mostram momentos de intimidade e afeto em um processo de investigação sobre preconceitos, masculinidade, racismo e estruturas de poder



Lia D Castro,
Carlos/Davi,
da série *Axs
nossxs filhxs*,
2021
Foto: Daniel Cabrel

CATHERINE OPIE: O GÊNERO DO RETRATO



Catherine Opie, *Idexa*, 1993

Foto: Cortesia da artista

Catherine Opie é um dos principais nomes da fotografia internacional contemporânea e uma das precursoras na discussão sobre questões de gênero entre o fim dos anos 1980 e o início dos anos 1990. Sua produção dialoga com a tradição do retrato – um dos mais tradicionais gêneros da pintura ocidental – de modo a dar legitimidade a novos corpos, subjetividades e experiências que emergem na sociedade contemporânea. Em suas fotografias, Opie retrata diversas expressões e

subjetividades de indivíduos e coletivos que se identificam com gêneros e orientações sexuais diversas, especialmente pessoas queer.

Com curadoria de Adriano Pedrosa, diretor artístico, MASP, e Guilherme Giufrida, curador assistente, MASP, a mostra é a primeira da artista no Brasil, e reúne 63 fotografias de suas séries mais emblemáticas, desenvolvidas ao longo de mais de três décadas. Os retratos de Opie figuram ao lado de 21 importantes pinturas da coleção do MASP, entre elas, de Pierre-Auguste Renoir, Hans Holbein, Anthony van Dyck e Van Gogh. As obras são apresentadas em diálogo com o objetivo de acentuar os diálogos, tensões e reformulações aos quais o trabalho de Opie se propõe, além de desdobrar a predileção pela arte figurativa, marca da coleção do museu.

A artista explora o gênero clássico do retrato assumindo algumas de suas características – fundo neutro, os gestos com as mãos, as expressões e os enquadramentos – e adiciona novos elementos, como a diversidade de gênero, as práticas sexuais, os corpos distintos e os relacionamentos familiares homossexuais. *“É fundamental que todos os seres humanos sejam legitimados, isso é necessário para a inclusão de todas as pessoas, para a humanidade. Ao utilizar a estética tradicional do retrato, conforme a minha visão sobre a retratística, busco manter o espectador envolvido na obra durante a observação. Além disso, é uma forma*

de redefinir o corpo queer dentro de uma formalidade conhecida, e não tratar apenas de uma fotografia documental”, comenta Catherine Opie.

OBRAS E REFERÊNCIAS

A fotógrafa tem como uma de suas principais referências o pintor Hans Holbein (1497-1534), inspirando-se nos elementos formais que compõem os retratos do pintor alemão, como o uso da cor chapada ao fundo, especialmente o azul. Suas produções também se assemelham por se tratar de conjuntos de retratos que carregam um sentido de comunidade. Em Holbein, tal recorrência reafirma a ascendência ou a aliança fami-

liar. Já em Opie, as conexões se sustentam por amizade, identificação e proteção, como em uma galeria de retratos de uma espécie de nobreza queer.

Na exposição, a fotografia *JD* da série *Girlfriends (Color)* (2008) da artista, é apresentada ao lado da pintura *O poeta Henry Howard, conde de Surrey* (Circa 1542), de Holbein, o que dá destaque às suas semelhanças e particularidades. “Trata-se da apropriação da tradição e de marcadores associados às elites para dar a mesma condição de visibilidade a gêneros que muitas vezes não fizeram parte do universo de possibilidades da representação”, reflete Giufrida.

Catherine Opie, *JD*, da série *Girlfriends*, 2008

Foto: Cortesia da artista



Hans Holbein, *O poeta Henry Howard, conde de Surrey*, Circa 1542

Foto: João Musa / MASP





Catherine Opie,
*Flipper, Tanya,
Chloe & Harriet,
San Francisco,
California,*
da série *Domestic*,
1995

Foto: Cortesia da artista

Being and Having (Ser e ter) (1991) foi a primeira série de retratos de Opie apresentada em uma exposição individual. A série é composta por 13 fotografias que retratam performances de figuras masculinizadas por seus atributos, como bigodes ou bonés, denominadas *drag kings*. Ao invés do nome oficial da pessoa retratada, Opie opta pelo nome fictício, de identificação coletiva e afetivo dentro do grupo de amigas de que faz parte. O título é uma paródia das teorias de Jacques Lacan (1901-1981) sobre o lugar do falo na construção da sexualidade.

Essa série inaugurou no trabalho de Opie um conjunto de retratos em estúdio que se estende até hoje, sendo que alguns deles possuem referências internas, como a cor de fundo vermelha, as roupas, a pose e o banco que se repetem propositalmente em *Pig Pen* (1993) e *Elliot Page* (2022), por exemplo. A fotografia do ator, produtor e diretor canadense Elliot Page, conhecido

por produções de sucesso como o filme *Juno*, ilustra a capa de sua biografia *Pageboy*, que conta a história do seu processo de transição de gênero.

SOBRE CATHERINE OPIE

Catherine Opie nasceu em Sandusky, Ohio, em 1961. Atualmente, vive e trabalha em Los Angeles, onde foi também professora no departamento de Artes da Universidade da Califórnia (UCLA). Desde o fim dos anos 1980, realizou diversas exposições individuais em instituições de reconhecimento internacional, como *Guggenheim Museum* (Nova York), *Los Angeles County Museum of Art* (Los Angeles), *Regen Projects* (Los Angeles), *Thomas Dane Gallery* (Londres), *Institute of Contemporary Art* (Boston e Canadá). Seu trabalho integra o acervo de instituições internacionais como *Guggenheim Museum*, *Institute of Contemporary Art*, *J. Paul Getty Museum*, *Museum of Contemporary Art*, *Museum of Fine Arts*, *National Portrait Gallery*, *Tate* e *Whitney Museum*.

LIA D CASTRO: EM TODO E NENHUM LUGAR



Lia D Castro, *Davi*, da série *Axs nossxs filhxs*, 2019

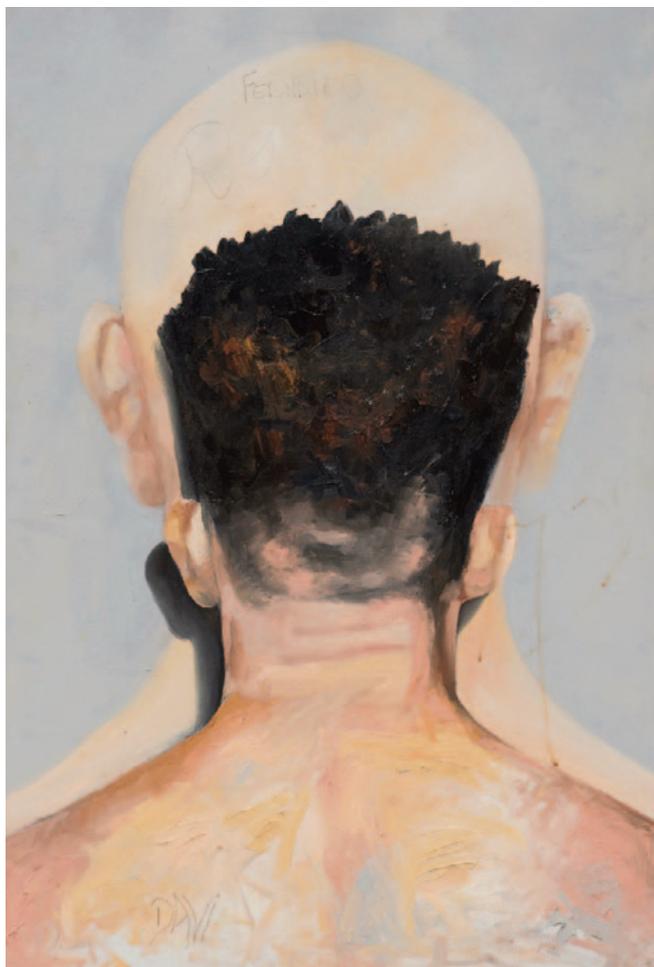
Foto: Lucas Cruz / Instituto Çarê

É impossível refletir sobre a obra da artista e intelectual Lia D Castro sem falar de encontros, contrastes, fricções e transformações. Sua primeira mostra individual em um museu reúne 36 trabalhos, sendo a maioria pinturas de caráter figurativo. As obras selecionadas exploram cenários onde o afeto, o diálogo e a imaginação se tornam importantes ferramentas de transformação social.

O título da exposição parte da constatação da ausência histórica de grupos minorizados em posições de poder e decisão – em nenhum lugar –, enquanto sua presença

e força de trabalho compõem as bases que sustentam a sociedade – em todo lugar. Com curadoria de Isabella Rjeille, curadora, MASP, e Glauceia Helena de Britto, curadora assistente, MASP, a mostra apresenta trabalhos que abrangem toda a produção da artista.

Lia D Castro utiliza a prostituição como ferramenta de pesquisa e desenvolve sua produção a partir de encontros com seus clientes – homens cisgêneros, em sua maioria brancos, heterossexuais, de classe média e alta – para subverter relações de poder ou violência que



Lia D Castro, *Davi*, da série *Axs nossxs filhxs*, 2021
Foto: Lucas Cruz / Instituto Çarê

possam surgir entre eles, aliando história de vida e história social. Temas como masculinidade e branquitude, mas também afeto, cuidado e responsabilidade, são abordados nessas ocasiões e resultam em pinturas, gravuras, desenhos, fotografias e instalações criadas de modo colaborativo.

Nesses momentos, ela conversa com esses homens e os convida a refletir: quando você se percebeu branco? E quando se descobriu cisgênero, heterossexual? “Per-

guntas sobre as quais a artista não busca uma resposta definitiva, mas sim provocar um posicionamento dentro do debate racial, sobre gênero e sexualidade”, afirma a curadora Isabella Rjeille.

As conversas de Lia D Castro com esses homens são permeadas por referências a importantes intelectuais negros como Frantz Fanon, Toni Morrison, Conceição Evaristo e bell hooks. Frases retiradas dos livros desses autores, lidos pela artista na companhia de seus colaboradores, são inseridas nas telas e misturam-se aos gestos, cenas, cores e personagens. O trabalho de Lia D Castro torna-se um lugar de encontro, embate e fricção, no qual ações, imagens e imaginários são debatidos, revistos e transformados. Com frequência, a artista insere referências a outros trabalhos por ela realizados, incluindo-os em outro contexto e, consequentemente, atribuindo novos significados e leituras a essas imagens.

“Partindo da visão de Frantz Fanon de que o racismo é uma repetição, eu proponho combatê-lo com a repetição de imagens. Como a imagem constrói cultura e memória, ao colocar uma obra dentro da outra, busco criar novas referências estéticas”, comenta a artista.

PINTURAS E METODOLOGIA ARTÍSTICA

A produção de Lia D Castro é organizada em séries, sendo a maior delas *Axs Nossxs Filhxs*, presente nesta exposição. Desenvolvida na sala de estar e ateliê de Lia D Castro, um lugar de encontro e trocas comerciais, intelectuais e afetivas, a série apresenta um processo criativo marcado por escolhas coletivas, da paleta de

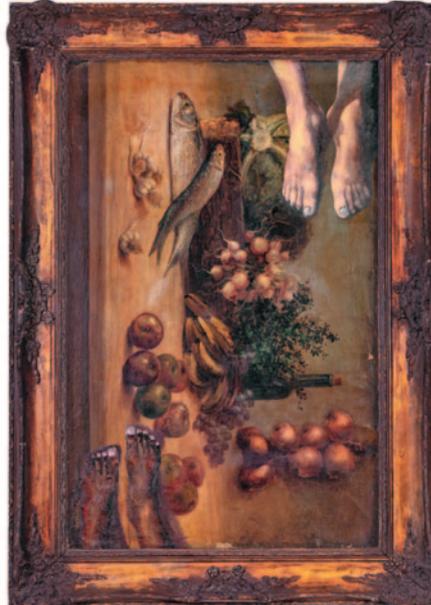
cores à assinatura das obras. A repetição é uma característica central: por meio desse recurso é possível reconhecer gestos, personagens e situações, assim como outras obras da artista que aparecem representadas nas telas, acumulando significados. A utilização do “x” no título da série se refere à diversidade de formações familiares e vínculos afetivos para além do parentesco consanguíneo ou da família heterossexual monogâmica. O uso do “x” também é utilizado para abarcar diferentes gêneros.

Lia D Castro também se retrata em pinturas dessa série. Enquanto os homens estão nus, ela encontra-se vestida. Seu corpo é coberto por esparadrapos colados sobre a tela formando um longo vestido branco, na contramão da tradição histórica da pintura ocidental, em que a grande maioria dos nus são femininos.

A artista subverte também pintando esses personagens em momentos de pausa, descanso, lazer, leitura e contemplação. “*O caráter político da obra de Lia D Castro questiona o imaginário social que vincula violência e subalternidade a corpos não hegemônicos na arte ocidental*”, afirma a co-curadora Glaucea Helena de Britto.

SOBRE LIA D CASTRO

Artista e intelectual, Lia D Castro nasceu em 1978, em Martinópolis, São Paulo; atualmente, vive e trabalha na capital paulista. A artista realizou exposições individuais no Instituto Çarê (2022), em São Paulo, e na Galeria Martins&Montero (2023), em São Paulo e na Bélgica. Dentre as exposições coletivas, destacam-se a 10ª Mostra 3M de arte – *Lugar Comum: travessias e cole-*



Lia D Castro,
Sem título,
da série *Axs
nosxs filhxs,
natureza
morta*, 2021
Foto: Lucas Cruz /
Instituto Çarê

tividades na cidade, no Parque Ibirapuera, em São Paulo (2020); *A verdade está no corpo*, no Paço das Artes, São Paulo (2023); *Middle Gate III*, no De Werft, na Bélgica (2023); *Hors de l'énorme ennui*, no Palais de Tokyo, na França (2023); e *Dos Brasis: arte e pensamento negro*, no Sesc Belenzinho, em São Paulo (2023). Sua obra integra o acervo da Galeria Martins&Montero (São Paulo e Bélgica) e S.M.A.K., *Stedelijk Museumvoor Actuele Kunst* (Bélgica).

SERVIÇO

Catherine Opie: o gênero do retrato

De 5 de julho a 27 de outubro

MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand –
2º subsolo

Lia de Castro: em todo e nenhum lugar

De 5 de julho a 17 de novembro

MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand –
1º subsolo

Avenida Paulista, 1578, Bela Vista, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3149-5959

Dias/Horários: terças grátis e primeira quinta-feira do mês
grátis; terças, das 10h às 20h (entrada até as 19h);
quarta a domingo, das 10h às 18h (entrada até as 17h);
fechado às segundas

Agendamento on-line obrigatório pelo link

[masp.org.br/ingressos](https://www.masp.org.br/ingressos)

Ingressos: R\$ 70 (entrada); R\$ 35 (meia-entrada)

<https://www.masp.org.br/>

MONUMENTAL

Angelo Venosa, Beatriz Milhazes, Jorge Guinle,
Leda Catunda e Luiz Zerbini



Na Pinakothek São Paulo, até 20 de julho, obras emblemáticas que exploram o conceito de monumentalidade de cinco expoentes da icônica mostra realizada há 40 anos na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, “Como vai você, Geração 80?”

Com curadoria de Max Perlingeiro, a exposição apresenta obras que exploram o conceito de monumentalidade de Angelo Venosa, Beatriz Milhazes, Jorge Guinle, Leda Catunda e Luiz Zerbini, no momento em que se celebra os quarenta anos da emblemática exposição *“Como vai você, Geração 80?”*, realizada na EAV do Parque Lage, Rio de Janeiro, com curadoria de Marcus Lontra, Sandra Magger e Paulo Roberto Leal. *“Esses artistas buscaram transcender as fronteiras físicas e conceituais dos trabalhos para criar impacto e desafiar o público”*, afirma Camila Perlingeiro, diretora editorial da Pinakothek.

No texto que acompanha a exposição, a diretora da Pinakothek destaca o caráter das obras de grande formato no Brasil: *“A produção de obras de arte de grandes formatos na cena artística brasileira contemporânea é reflexo de uma expressão única da identidade cultural do país. Artistas brasileiros têm explorado a monumentalidade como uma forma de transmitir narrativas tanto quanto provocar reflexões sobre questões sociais, políticas e ambientais. Através de esculturas, instalações, pinturas murais e in-*



De cima para baixo:
Angelo Venosa, *Catilina*, 2019
Foto: Antonio Mendel;
Beatriz Milhazes, *Tonga II*, 1992
Foto: Divulgação



Jorge Guinle,
Sexta-feira,
1985
Foto: Divulgação

tervenções urbanas, a arte brasileira em grande escala ressoa com o público e transforma o espaço”, afirma.

O principal destaque da mostra é *“Catilina”* (2019), obra tridimensional de Angelo Venosa (1954-2022), em madeira, tecido e fibra de vidro, medindo 305cm x 372cm x 372cm, uma grande ampulheta sustentada sobre três pernas de madeira. Do centro da escultura, coberta por fibra de vidro, a areia desce em direção ao solo, *“uma metáfora para a precariedade da memória”*, assinala Camila Perlingeiro. Sobre este trabalho, o artista disse: *“O tempo é assim. Ou está na frente, ou atrás. A gente só o percebe como armadilha, ou reflexão”*.

De Beatriz Milhazes (1960), a pintura *“Tonga II”* (1992), acrílica sobre tela, com 160cm x 160cm, *“é um exemplo de como a artista se utiliza das sobreposições e formas circulares, além da exuberância gráfica e cromática”*, aponta Camila Perlingeiro.

“Sexta-feira” (1985), em óleo sobre tela com 189cm x 340cm, de Jorge Guinle (1947-1987), *“apresenta uma vontade ordenadora, com áreas bem delineadas, contornos definidos, e recortes de estampas que têm relação com planos de fundo de obras de artistas como*

Paul Klee ou Bram van Velde”, assinala a diretora editorial da Pinakothek.

Leda Catunda (1961) esgarça os limites da arte investindo em materiais como tecido ou plástico e superfícies ora vazadas, ora volumosas. *“Rio Comprido”* (2009), obra tridimensional em tinta acrílica, plástico e tela, medindo 420cm x 310cm, *“é parte do processo de amadurecimento de sua produção”*, escreve Perlingeiro.

Luiz Zerbini (1959), artista que trabalha com diferentes suportes – pinturas, esculturas e instalações, entre outros – se utiliza de camadas de imagens da flora tropical e referências à história da arte e à cultura pop em sua obra *“The Railway Surfer and the Ghost Train”* (1990), pintura em óleo sobre tela com 140cm x 290cm, *“um experimento entre o uso do espaço pictórico e de cores luminosas e vibrantes”*, aponta a diretora editorial.

SOBRE OS ARTISTAS

Angelo Venosa (1954-2022) – Movido por intensa curiosidade desafiadora, Venosa foi um pesquisador da tecnologia como caminho para ampliar o fazer manual. Em suas obras recentes apresentou elementos formais que evocam a corporeidade de seus primeiros traba-

Leda Catunda, *Rio Comprido*, 2009

Foto: Divulgação

lhos nos anos 1980, que se distinguem dos atuais não só pelo processo, mas pelo fato de instigarem novos diálogos entre escultura e espaço. “‘Catilina’ explora um vocabulário recorrente no trabalho de Venosa. A estrutura de um esqueleto desprovido de carne e revestida com uma pele cria essa estranheza que tanto a aproxima de um fóssil quanto nos leva a enxergá-la como uma espécie de ser mutante, que ainda pode ganhar vida no futuro. Essa ambiguidade de tempos e processos é muito forte em ‘Catilina’, que nos fala de ruína, de um mundo ameaçado, mas também de gênese, daquilo que ainda pode vir” (Daniela Name, 2019).

Beatriz Milhazes (1960) – Frequentemente trabalha com formas circulares, sugerindo deslocamentos ora concêntricos, ora expansivos. A transferência de imagens da superfície lisa, pelo uso de película plástica para a tela faz com que a gestualidade seja quase anulada. A matéria pictórica obtida por numerosas sobreposições não apresenta qualquer espessura, pois os motivos de ornamentação e arabescos são colocados em primeiro plano. O olhar do espectador é levado a percorrer todas as imagens, acompanhando a exuberância gráfica e cromática dos quadros. Na opinião do crítico Frederico Morais (1936), Beatriz Milhazes revela desde o início da carreira a vontade de enfrentar a pintura como fato decorativo, aproximando-se da obra de artistas como Matisse.

Jorge Guinle Filho (1947-1987) – Jorge Guinle Filho passa grande parte de sua vida entre Paris e Nova York, onde conhece obras da *action painting* e da arte pop, decisivas em sua formação. Fixa-se no Brasil em 1977. Nos anos seguintes, o clima de abertura política no país favorece as manifestações artísticas e Guinle retoma a carreira, iniciada na metade da década de 1960, com forças renovadas. Sua trajetória é muito rápida: trabalha por sete anos, nos quais produz obras marcantes. Colorista nato, suas obras oscilam entre figuração e abstração; em *Sexta-Feira* (1985) apresenta uma vontade ordenadora, com áreas bem delineadas, contornos definidos, e recortes de estampas que têm relação com planos de fundo de obras de Paul Klee (1879 -1940) ou Bram van Velde (1895 -1981).

Leda Catunda (1961) – *“Uma das mais importantes artistas brasileiras, Leda Catunda sempre se destacou por produzir trabalhos que buscam esgarçar ao máximo o conceito moderno de pintura. Na verdade, Leda desenvolveu essa poética porque soube sintetizar – ainda nos anos 1980 –, duas grandes influências aparentemente antagônicas e excludentes: por um lado, todo o legado de uma crítica à pintura moderna, herdado de seus professores; por outro, a avalanche de informações sobre o fenômeno internacional da “volta à pintura”, que marcou enormemente a sua geração. Sintetizando esses dois influxos, a artista questionou de fato a pintura moderna, realizando trabalhos onde os limites do plano pictórico sempre foram problematizados, quer pelo uso de materiais inusitados (veludos, plásticos, pelúcias etc), quer pelas superfícies volumosas e/ou vazadas das suas pinturas”.* (Tadeu Chiarelli, *“Os planos de Leda Catunda”*, 2001)

Luiz Zerbini (1959) – Luiz Zerbini nasceu em 1959, em São Paulo, e desde 1983 vive e trabalha no Rio de Janeiro. Considerado um dos principais representantes

da Geração 80 da arte brasileira, iniciou sua atividade artística no final dos anos 1970. Sua obra transita entre a pintura, a escultura, a instalação, a fotografia, a produção de textos e o vídeo. Com uma paleta rica e luminosa, suas obras tratam de temas clássicos como a paisagem, o retrato e a abstração. O artista explora, ainda, a transposição da experiência visual bidimensional para uma experiência imersiva no espaço, utilizando-se de vídeos, slides, fotografias, objetos, pintura sobre parede e luz como ferramentas. Luiz Zerbini cria pinturas, esculturas e instalações com camadas de imagens da flora tropical e referências espirituosas à história da arte e à cultura pop.

SERVIÇO

Monumental – Angelo Venosa, Beatriz Milhazes, Jorge Guinle, Leda Catunda e Luiz Zerbini

Até 20 de julho

Pinakothek São Paulo

Rua Ministro Nelson Hungria, 200, Morumbi, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3758-0546

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 18h;

sábados, das 10h às 16h

Entrada gratuita



Luiz Zerbini,
Sexta-feira,
1990
Foto: Divulgação

OS ARTIVISTAS: CARLOS SCLiar E CILDO MEIRELES



Exposição inédita e imersiva celebra os 20 anos da Casa Museu Carlos Scliar, em Cabo Frio, RJ

A mostra “Os Artivistas: Carlos Scliar e Cildo Meireles” celebra duas décadas da Casa Museu Carlos Scliar e reúne, pela primeira vez, a obra desses dois gênios da arte brasileira. “O Scliar foi fundamental na minha vida”, afirma Cildo Meireles sobre o amigo falecido em 2001. Com curadoria de Cristina Ventura, coordenadora da Casa Museu, a exposição apresenta cerca de trinta obras, algumas inéditas, que cobrem um período que vai desde a década de 1940 até 2021.

Trabalhos inspirados na produção dos dois artistas também fazem parte da mostra que tem entrada gratuita até o final do mês de agosto. O projeto é apresentado pelo Governo Federal,

Carlos Scliar, SOS, 1989
Foto: Divulgação

Ministério da Cultura, Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro através da Lei Paulo Gustavo.

“A ideia é provocar no espectador um convite à reflexão, instigada pela atualidade das questões tratadas pelos artistas em suas obras – crimes de estado, meio ambiente, guerra, valor monetário, entre outros. Nosso propósito é que o visitante pense sobre o seu papel no mundo de hoje”, diz a curadora Cristina Ventura.



Cildo Meireles, *Zero Cruzeiro*, 1978

Foto: Divulgação

As obras de Cildo Meireles e Carlos Scliar – pinturas, desenhos, colagens, estudos, gravuras, objetos e vídeos – são expostas juntas, como uma grande instalação, sem seguir uma ordem cronológica. De Cildo, estão as notas *“Zero Dólar”* (1984) e *“Zero Cruzeiro”* (1978), a instalação sonora *“Rio Oir”* (2011), o vídeo *“15 segundos”* (2021), em homenagem a Marielle Franco, entre



Carlos Scliar, *Capa da Revista Horizonte, Assine Apelo Paz*, 1952

Foto: Divulgação

outras. De Scliar, destacam-se os desenhos *“Levante do Gueto de Varsóvia”* (1957) e *SOS* (1989), além de desenhos e estudos, alguns inéditos, que tratam de temas como a cultura afro-brasileira e o holocausto. *“Sou um grande admirador dos desenhos do Scliar, acho que ele era um desenhista dos mais talentosos do Brasil, verdadeiramente sensível”*, afirma Cildo Meireles.

A matriz da capa da Revista Horizonte, feita por Scliar em 1952, onde se lê *“Assine Apelo Paz”*, também faz parte da exposição. *“A Segunda Guerra Mundial o marcou muito; Scliar foi pracinha e atuou como cabo de artilharia. No período pós-guerra participou ativamente de movimentos como o Congresso pela paz, ocorrido na antiga Tchecoslováquia, e a mensagem trazida na obra é fundamental”*, diz a curadora. Uma reprodução tátil dessa matriz faz parte da mostra para que o visitante possa manuseá-la. Também está na exposição um texto inédito do artista, da década de 1980, narrado pela cantora e compositora Marina Lima. No documento, Scliar expressa sua indignação e cansaço diante da nossa construção histórica. Marina cresceu vendo e

apreciando as obras de Scliar colecionadas por seu pai, “uma imagem afetiva que nunca esqueço”, revela. A gravação foi feita especialmente para a exposição.

Com trajetórias diversas, Carlos Scliar e Cildo Meireles se conheceram em 1966. “A partir do nosso primeiro encontro, quando mostrei meus desenhos, Scliar se interessou em mostrar esses trabalhos para alguns colecionadores; a partir daí praticamente me financiou. Ele sempre foi uma pessoa muito generosa, não só no meu caso, mas também com outros artistas jovens que estavam iniciando. Scliar era uma pessoa de um entusiasmo intrínseco, estava sempre incentivando, sempre apoiando” os outros, conta Cildo Meireles.

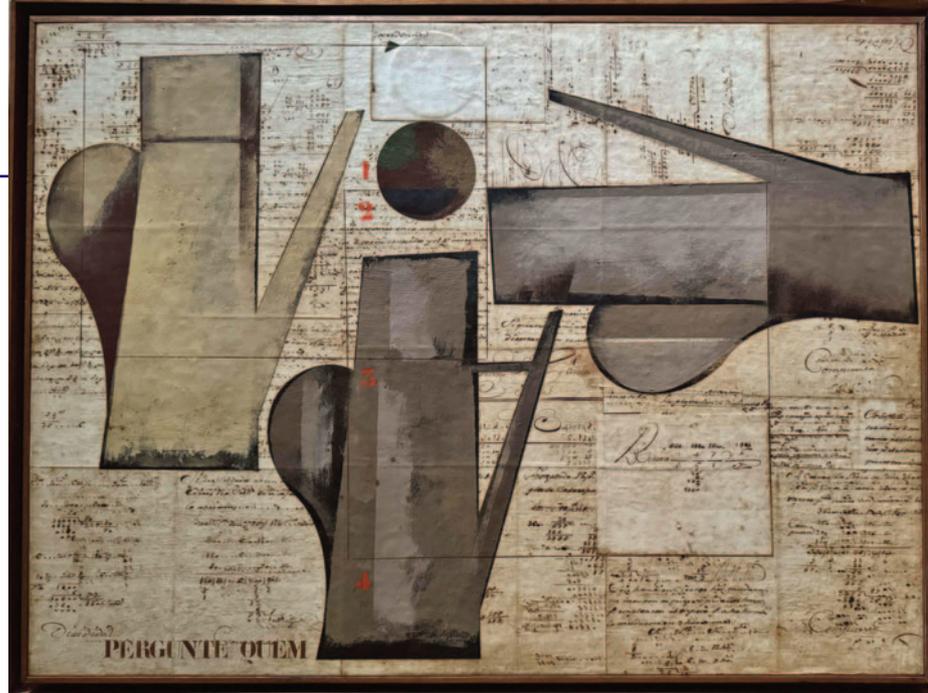
Os dois foram muito amigos durante toda a vida e em diversos momentos trataram de questões similares em seus trabalhos, como no período da ditadura militar. Outras questões também convergem na produção de ambos: a icônica obra “Zero Dólar”, de Cildo Meireles, traz a imagem do Tio Sam, personagem que aparece sobrevoando a Amazônia com asas pretas, como se fosse um urubu, na obra “SOS”, de Carlos Scliar.

PERCURSO DA EXPOSIÇÃO

A mostra começa com uma linha do tempo sobre Carlos Scliar (1920-2001) até o jardim, onde está a grande escultura “Volumes Virtuais”, de Cildo Meireles, doada em 2022 para a Casa Museu. Com seis metros de altura, é a primeira escultura da série feita em metal. Ainda no pátio, estão trechos do projeto inédito do

Cildo Meireles, *Sem título*, 1987
Foto: Divulgação





Carlos Scliar, à esquerda: *Pense*, 1975; em cima: *Pergunte quem*, 1975
Fotos: Divulgação

painel em mosaico projetado para o Brasília Palace, em 1957, a pedido de Oscar Niemeyer (1907-2012), que nunca chegou a ser executado. A obra traz uma homenagem à cultura afro-brasileira, com elementos da religiosidade africana.

Na sala menor, próxima ao jardim, há uma grande caixa em perspectiva, inspirada nas famosas caixas criadas por Scliar, onde o público pode entrar. Nela, estão matérias de jornais onde o artista alertava para questões ambientais, trazendo manchetes como “*A indignação do pintor*”. Em muitos momentos, Scliar aproveitava o espaço na mídia não para falar de sua obra, mas para advertir sobre a forma destrutiva como tratamos o nosso habitat. Na caixa também estão imagens do projeto educativo “*Meu lugar, meu patrimônio*”, onde adolescentes da rede pública de ensino

de Cabo Frio e região falam sobre questões ambientais, em consonância com a fala de Scliar na década de 1980 e o cenário atual.

Dois jogos interativos encontram-se na antessala do salão principal – um ilustrado com a obra de Scliar e outro com a obra de Cildo, além da reprodução tátil da obra “*Assine Apelo Paz*”. No grande salão as mais de vinte obras dos dois artistas estão montadas como uma grande instalação ambientada pela escultura sonora “*Rio Oir*”, de Cildo Meireles, na qual o artista coleta o som de algumas das principais bacias hidrográficas brasileiras, gravadas em vinil. No mesmo espaço está o vídeo “*15 Segundos*”.

O salão principal também exhibe obras que destacam a atuação de Scliar na área gráfica, junto à redação das revistas culturais *Horizonte* (1950 a 1956) e na criação da revista *Senhor* (1959 a 1960), além de trabalhos do período da ditadura que trazem frases como: “*pergunte quem*”, “*urgente*”, “*pense*” e “*leia-pense*”. O texto da

década de 1980 narrado por Marina Lima completa a sala. *“A ideia é que o visitante entre num espaço que o absorva em vários aspectos, seja pelo som da água, seja pelo que está sendo visto ou pelo que não está sendo visto – há uma vitrola girando sem disco, denotando ausência, desconforto”*, diz Cristina Ventura.

Na sala de cinema há a projeção de dois filmes: um de Scliar falando sobre o compromisso das pessoas com as questões do nosso planeta, e o outro de Cildo contando como conheceu Scliar e sua relação com ele. Para completar a experiência, no segundo andar da Casa está a exposição permanente, onde se pode ver o ateliê de Carlos Scliar, que permanece exatamente como ele deixou.

SOBRE A CASA MUSEU CARLOS SCLIAR

O Instituto Cultural Carlos Scliar (ICCS) foi criado em 2001, mesmo ano da morte de seu patrono. O processo para criação da instituição foi acompanhado pelo artista, um acordo que fez com o filho Francisco Scliar para manter sua memória. Fundada por Francisco Scliar junto com os amigos Cildo Meireles, Thereza Miranda, Anna Letycia, Regina Lamenza, Eunice Scliar, entre outros conselheiros, a instituição, aberta ao público em 2004, está sediada na casa/ateliê do pintor, em Cabo Frio, Rio de Janeiro. Trata-se de um sobrado oitocentista, com cerca de 1000m², adquirido em ruínas por Scliar, reformado em 1965 para abrigar seu ateliê e ampliado na década de 1970, com projeto de Zanine Caldas.

A casa mantém a ambientação dos espaços deixada por Scliar, com seus objetos pessoais, acervo documental,

bibliográfico, gravuras, desenhos e obras. A coleção resulta da produção do próprio artista ao longo da vida, somada a uma expressiva e representativa coleção de obras originais de grandes nomes do cenário artístico brasileiro do século XX, os amigos José Pancetti, Djanira, Cildo Meireles, Di Cavalcanti, Aldo Bonadei, entre outros.

O acervo conta também com aproximadamente 10 mil documentos datados desde a década de 1930. Fiel ao seu compromisso sociocultural, nos últimos três anos a instituição atendeu mais de mil estudantes do Estado do Rio de Janeiro, em projetos educativos. Em 2023 foi agraciada com o Prêmio Darcy Ribeiro de Educação Museal, promovido pelo IBRAM.

SERVIÇO

Os Artistas: Carlos Scliar e Cildo Meireles

Até junho de 2025

Casa Museu Carlos Scliar

Rua Marechal Floriano (Orla Scliar), 253, Cabo Frio / RJ

Tel.: (22) 2040-9408 / (22) 98157-4222

Dias/Horários: de terça a sexta das 14h30 às 18h;

sábados das 15h30 às 19h

As visitas serão gratuitas até o final de agosto de 2024

institutoscliar@gmail.com



Cildo Meireles,
Rio Oir,
2011
Foto:
Divulgação



Renato Gosling, *Embuia*

Foto: Divulgação

“A Verdade sobre a Nostalgia” de Renato Gosling

Giz de lousa, palito de fósforo e carteira escolar se tornam obras de arte em "A Verdade sobre a Nostalgia", mostra que explora o imaginário do visitante e viaja entre passado e presente

O Museu FAMA – Fundação Marcos Amaro, inaugura a exposição individual *"A Verdade sobre a Nostalgia"* do artista Renato Gosling. Curada por Jhon Voese, permanecerá em exibição até 29 de setembro.

A mostra convida o público a explorar a intersecção entre o passado e o presente através das obras de Gosling. Reconhecido por sua habilidade em capturar a essência da experiência humana, Gosling apresenta uma série de trabalhos que evocam sentimentos de nostalgia, mas também questionam a natureza da memória e da identidade brasileira.

Segundo Voese, o artista procura problematizar a nostalgia, colocando em xeque lembranças de um passado que normalmente idealizamos. As obras partem de uma conexão afetiva, mas rapidamente chacoalham os espectadores ao apontar pontos de crítica.

"As obras em giz, por exemplo, evocam discussões formais, plásticas, um experimentalismo intuitivo do artista e do visitante, mas também nos levam para dentro de salas de aula que ainda se utilizam deste material, o que reflete certa precariedade em meio à era de novas tecnologias de comunicação. Seja como tecnologia antiga de comunicação, ou como meio lúdico na mão das crianças, o giz de calcário, está intimamente conectado com diversas gerações ainda hoje", explica o curador.

Voese colaborou com Gosling na seleção das obras que compõem a exposição, criando uma narrativa visual coesa que guia os espectadores por uma jornada única e emocionante. O espectador irá se deparar com séries nas quais o artista se apropria de objetos e de imagens, furtando-lhes o significado original e usando de traqui-nagens como maquiagem e lhas dar colares de doces,



Renato Gosling,
Gude
Foto: Divulgação

ou criando cenas com fósforos animados que aliviam o ar com certa espíritosidade.

Ao longo do espaço há objetos cobertos de giz, carteiras escolares e skates, e também bolinhas de gude e peões, que emoldurados perdem o significado de meras brincadeiras para ganharem o status de retrato de uma época idealizada para alguns, imaginada para outros, inexistente para muitos.

Ainda solto no espaço, o jogo de amarelinha feito com as lentes de semáforos obsoletos que agem em uma dupla significância: as cores indicam o momento em que se pode ou não andar, bem como quais os momentos em que devemos ter atenção, algo tipicamente adulto, mas a forma da brincadeira infantil nos deixa tentados a desafiar o sistema e pular metaforicamente de uma “casa” para a outra em um pé só, testando nosso equilíbrio e com o único propósito de chegar até o final e retornar sem “pisar na linha”. Um aprendizado também de amadurecimento.

Os *Orbeez* com sua explosão de cores fecham a mostra. Revelam uma faceta mais abstrata de Gosling, que também serve de chamado à atenção, mas que diferente do semáforo estão mais para aspectos de calma em meio ao caos imagético contemporâneo.

De cima para baixo:
Renato Gosling, *Hole in one*; *Match*; *Skate or die I*
Fotos: Divulgação





Renato Gosling, *Orbeez*

Foto: Divulgação

SOBRE O ARTISTA

Renato Gosling, 1976, natural de São Paulo. O artista se apropria de um trabalho paralelo e sinérgico ao mundo contemporâneo através de micro-narrativas e gatilhos para os espectadores terem suas sensações e experimentações. No mundo atual onde o 140 caracteres predomina, Renato descarrega toda sua inquietude e ansiedade em objetos e fotos que transmitem o cotidiano popular brasileiro, recorrendo a infância e memória afetiva.

SOBRE O CURADOR

Jhon Voese nasceu em Guarapuava, interior do Paraná e trabalhou por mais de 8 anos no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba / PR. Formado em História com Mestrado em Artes pela Unespar, escreveu sobre o Fa-xinal das Artes (2002). Atualmente cursa o doutorado em História na UFPR. Sua pesquisa atual trata da relação Arte e Ecologia e tem como objeto a mostra *Arte Amazonas* (1992) anunciada pelo MAM-RJ como contrapartida artística para a Eco-92.

SOBRE O MUSEU FAMA

O Museu FAMA está aberto ao público desde 2018. Ocupa uma área de 25.000m² no centro histórico da cidade de Itu, interior de São Paulo. O acervo com foco na arte brasileira inclui obras de artistas fundamentais, do moderno ao contemporâneo, contemplando diver-

sas linguagens artísticas, escultura, gravura, desenho, instalações, pinturas e fotografia.

Com mais de oito salas expositivas, destacam-se os jardins e galpões, onde a arquitetura do início do século XX envolve o visitante em uma experiência única, em que o patrimônio dialoga com a arte brasileira.

SERVIÇO

“A Verdade sobre a Nostalgia” de Renato Gosling

Abertura: 6 de julho

Encerramento: 29 de setembro

FAMA – Fundação Marcos Amaro – Sala 8

Rua Padre Bartolomeu Tadei, 09, Alto, Itu / SP

Dias/Horários: de terça-feira a domingo, das 10h às 18h

Ingressos: R\$ 10, com política de meia entrada e gratuito as quartas-feiras

famamuseu.org.br



Renato Gosling,
*Memórias
Impressas –
Um Cantinho
e um Violão*
Foto: Divulgação

SUMMER EXHIBITION

Uma marca
democrática
e excêntrica
do início
do verão
tradicional
londrino



Texto: Maria Hermínia Donato
Fotos: Jack Donato-Brown



O verão chegou com suas características tradicionais: o vai e vem do sol, parada de comemoração ao aniversário do rei, campeonato de tênis em Wimbledon, Glastonbury, famoso festival de música, e a *Summer Exhibition* da Royal Academia de Arte.

Summer Exhibition é a maior mostra de submissão de obras de arte aberta do mundo: a primeira, de 1769, contou com 136 obras de 56 artistas. Em 2024, a de número 256, tem 1710 trabalhos de artistas famosos e amadores.



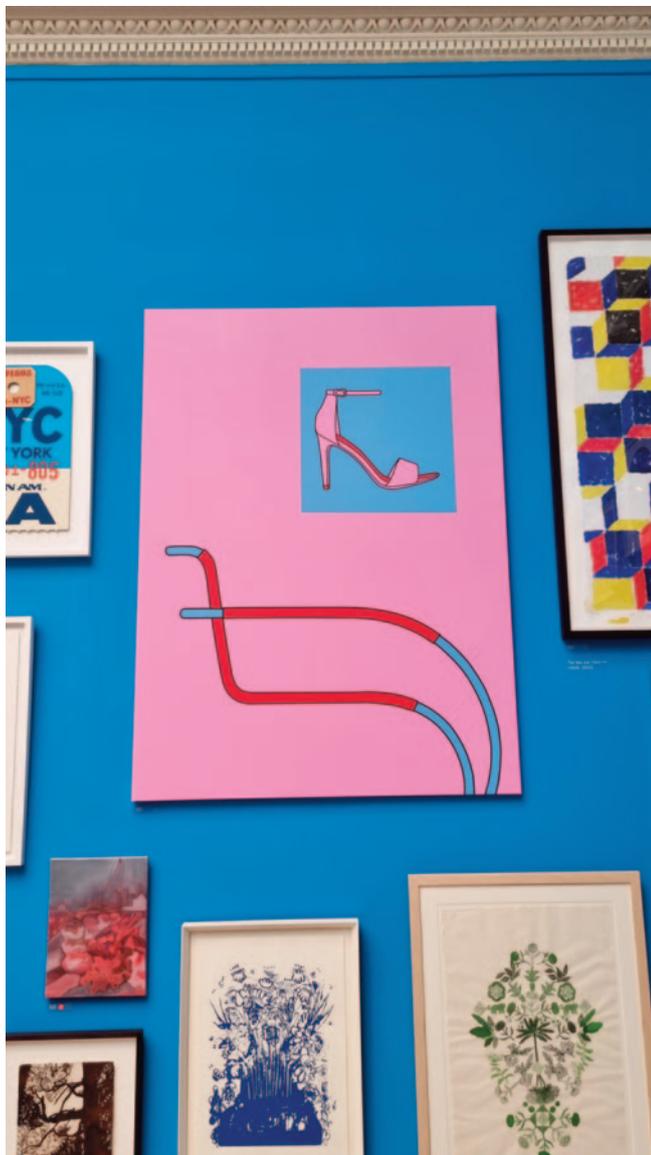
Desde a sua fundação, a Royal Academy of Arts é composta por Acadêmicos Reais eleitos por membros Associados. A Academia é autônoma e autofinanciada: conta com o apoio de patrocínios privados, uma organização de Amigos da Royal Academy e a receita das exposições.

A seleção da *Summer Exhibition* foi liderada pela escultora Ann Christopher RA, e sete curadores: Christopher, Hurvin Anderson, Anne Desmet, Hughie O'Donoghue, Cornelia Parker, Veronica Ryan e o coletivo arquiteto



tetônico *Assemble*, cada um responsável por uma das 12 galerias, pela seleção dos trabalhos – que este ano são 1170, de um total de 16.500 –, e pela forma de exibir todos eles. Não é à toa que o tema da exposição é “*Making Space*” (Fazendo Espaço)! As mostras são exibidas no estilo “*salon-hang*”, do rodapé ao teto.

O processo começa em janeiro; as inscrições custam £38. Os juízes escolhem cerca de 4.000 peças do total de inscrições enviadas digitalmente, e os selecionados entregam suas obras à Royal Academy para a segunda rodada. Os trabalhos selecionados são entregues, a exposição é montada e o *Sanctioning day* é quando a comissão toda se reúne pela última vez, não sendo permitidas alterações depois desse dia. Este ano há uma maior ênfase em esculturas de todos os tipos, inclusive de parede. A exibição conta ainda com obras têxteis que antes eram excluídas por serem classificadas como artesanato.



Pássaros apareceram de diversas formas nas galerias, em gravuras, mosaicos, pinturas, têxteis e esculturas. Outras tendências dessa edição são os ambientes naturais e urbanos e poucos retratos em comparação com os anos anteriores.

Summer Exhibition é uma exposição única – tarefa her-

cúlea em nível de organização – e democrática, onde um expositor iniciante pode ver sua obra ao lado de trabalhos de artistas famosos como Anselm Kiefer ou Tracy Emin.

Os artistas vendem suas obras e a RA recebe uma comissão de 30%. Os lucros vão para as *RA School*, onde a mensalidade é gratuita para os pós-graduandos da *Royal Academy School*. Obras também estão disponíveis para compra online.

Uma tradição excêntrica da mostra, observada até hoje, é o misterioso “*chá de carne*” oferecido durante os oito dias de montagem. A receita permanece secreta. Outra curiosidade interessante é o *Varnishing Day* – dia para celebrar os artistas participantes. Antes de visitar a exposição, eles se reúnem em procissão por Piccadilly, liderados por uma banda. Depois participam de uma bênção na igreja de St. James.

A *Summer Exhibition* marca o início de um verão repleto de arte na cidade, oportunidade para o público se envolver com a interseção da arte e arquitetura.

SERVIÇO

Summer Exhibition

Até 18 de agosto

Royal Academy of Arts

Burlington House, Piccadilly, Londres W1J 0BD



READ
THE
ROOM



Room Book

Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868